

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**  
**Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas**  
**- Área de Filologia e Língua Portuguesa -**

**Hélcio Batista Pereira**

**"Esse" *versus* "este"**  
**no Português Brasileiro e no Europeu.**

Dissertação com vistas à obtenção de título de Mestre,  
apresentada à Área de Filologia e Língua Portuguesa da  
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da  
Universidade de São Paulo, com orientação da Prof<sup>a</sup>.  
Dr<sup>a</sup>. Marilza de Oliveira.

**São Paulo**  
**2005**

**"Esse" *versus* "este"**  
**no Português Brasileiro e no Europeu.**

**Hélcio Batista Pereira**

"Isso aqui ô ô

È um pouquinho de Brasil iaiá." (Sandália de Prata, gravado por João Gilberto, no álbum Live at the 19 th Montreux Jazz Festival).

"Isto aqui ô ô

É um pouquinho de Brasil iaiá." (Sandália de Prata, gravado pelo Novos Baianos - interpretado por Paulinho Boca de Cantor, no álbum Farol da Barra).

Dedico este trabalho à minha esposa Erika e à minha filha Alice,  
que alimentam meus sonhos e dão significado pleno à minha vida.

## **Agradecimentos.**

Agradeço à Denise Cavalcanti, ao Emerson Alvares, à Luciana Bicudo e ao Ricardo Peres, amigos de fora do meio acadêmico que se empenharam na obtenção de textos e dos materiais que constituíram os *corpora* do presente trabalho. Só quem tentou encontrar filmes portugueses no Brasil (não interpretados em francês) pode entender como essa missão é difícil.

Também sou muito grato ao Ricardo Anzai por permitir a conciliação de minhas atividades profissionais e acadêmicas.

Agradeço à Jaqueline e à Roseli, amigas e colegas no mestrado, pela ajuda e apoio dispensado em momentos importantes de minha pesquisa.

Também agradeço à Luciana Petrili que me ajudou com o Abstract e me apoiou sempre que necessário.

Sou grato também aos meus amigos e economistas incuráveis Fernando (meu irmão), Eduardo e Marcelo Pacheco, os quais sempre me incentivaram e colaboraram na indicação dos procedimentos acadêmicos mais apropriados.

Não poderia deixar de lembrar a importância do apoio amigo da Andrea Cavalcante, sempre me contagiando com sua alegria paraense.

Agradeço aos professores Ataliba de Castilho, Maria Aparecida Torres Morais, Maria Aparecida Lopes Rossi e Mary Kato que contribuíram com críticas pertinentes e apontaram rumos interessantes para a pesquisa.

Por fim, gostaria de expressar o meu agradecimento muito especial à Marilza de Oliveira, que tomou a palavra orientação no seu sentido mais verdadeiro e pleno, permitindo que a pesquisa encontrasse sempre as melhores condições para o seu desenvolvimento.

O esforço e tempo dispensado por todos acima permitiram que a presente dissertação pudesse se tornar melhor. Todos os erros e equívocos que ela ainda preserva, evidentemente, são de minha total responsabilidade.

## Resumo

O presente trabalho pretende contribuir para a discussão acerca das mudanças por que passa o sistema demonstrativo do Português Brasileiro, comparando-o ao Português Europeu. Concentramos nossa atenção sobre a oposição entre "este" e "esse".

Para tanto não nos limitamos à oralidade, mas procuramos estudar as ocorrências desses demonstrativos em *corpora* diferentes, que representassem três tipos discursivos distintos: a escrita ficcional, a escrita jornalística e a oralidade.

O tratamento dado a cada *corpus* respeitou a divisão proposta por Halliday e Hasan (1997) que separa as referências endofórica e as exofórica. A pesquisa selecionou dos níveis sintático, semântico e discursivo as variáveis que impactassem na distribuição de "este" e "esse".

O resultado mostrou que os brasileiros só fazem uso significativo de "este" nos gêneros marcados por uma maior pressão da norma gramatical dos manuais. Os portugueses, no entanto, mantêm o sistema ternário, ainda ancorado na questão espacial / no campo de interlocução, tanto na fala como na escrita.

Nos tipos de textos em que a norma dos manuais se impõe, os dois sistemas encontram espaço para optar livremente cada qual por uma forma: o português opta por "este", enquanto o brasileiro, por "esse".

A presente pesquisa contestou a interpretação de Marine (2004) que via na oralidade brasileira um caso de especialização de formas em função do tipo de referência. Os nossos dados mostraram que na fala do brasileiro a forma "este" é apenas residual e está em vias de substituição por "esse".

O binarismo brasileiro não tem mesma configuração daquele vigente no Inglês. Os resultados mostraram que não há uma inteira adesão entre a forma "esse" e "*this*", e o demonstrativo brasileiro aparece em contextos de uso onde no Inglês apenas "*that*" seria possível.

Outra conclusão importante de nossa pesquisa foi a de sugerir uma relação entre a hierarquia referencial e a escolha do demonstrativo. Na maior parte dos *corpora*, nós encontramos uma associação entre o aumento do uso percentual de "este" e a referência a elementos marcados por uma maior carga de referencialidade.

**Palavras-Chave:** Demonstrativos, especialização, substituição, variação, binarismo.

## **Abstract**

The aim of the following project is to contribute to the discussion regarding the changes through which the Brazilian Portuguese demonstrative system goes, comparing two types of Portuguese language, the Brazilian and the European. We will concentrate our attention on the opposition between “este” e “esse.” Furthermore, we will not limit ourselves to the way of speaking and will focus on studying the occurrence of such demonstratives in several corpora that represent three different discourse types: fictional and journalistic writing, and also the way of speaking.

Each corpus was treated according to the characterization proposed by Halliday and Hasan (1997), separating both references, endophoric and exophoric. The research selected from the three levels (syntactic, semantic and discursive), variables that would have impact on the usage of “este” e “esse.”

The results show that Brazilians only use “este” significantly in the genders characterized by the existence of grammatical review. However, the Portuguese people maintain the ternary system which is still rooted in the spatial issue/ interlocution field in speaking as well as in writing.

Texts in which manual’s rules are emphasized have enough room for both nationalities to choose between the two options: the Portuguese people choose “este” while the Brazilians prefer “esse.”

This research disputes Marine’s (2004) view that the Brazilian oral system shows a specialization according to the kind of reference. Our data has shown that within the Brazilian speech “este” appears just residually and is bound to be replaced with “esse”.

The Brazilian binary configuration is different from the one used in English. The results show that the words “this” and “esse” are not exactly synonyms. The usage of the Brazilian demonstrative appears in contexts where in English only “that” could be used.

The research reached another important conclusion. It suggests the existence of a relationship between the referential hierarchy and the choice of demonstrative. In most corpora we found an association between a higher usage percentage of “este” and the reference to elements characterized by a larger load of references.

**Keywords:** Demonstrative pronoun, especialization, substitution, variation, binarism.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	12
1. Objeto de estudo .....	13
2. A visão dos manuais de gramática e das pesquisas lingüísticas .....	13
3. Outros estudos sobre o sistema pronominal .....	14
4. O problema .....	15
5. Outras questões da pesquisa .....	15
Capítulo 1 - Embasamento teórico: estudos sobre os demonstrativos e outros fenômenos do PB.....	17
1.1. A Visão das Gramáticas Normativas sobre o sistema demonstrativo do PB.....	18
1.2. Estudos descritivos dos demonstrativos no PB.....	19
1.3. Especialização ou Substituição .....	22
1.3.1. A especialização de formas com explicação de fenômenos lingüísticos.....	23
1.3.2. Substituição de formas <i>versus</i> especialização de formas <i>versus</i> contextos de resistência.....	24
1.3.3. Mudanças no Sistema Demonstrativo do PB: Substituição ou Especialização de formas .....	26
1.4. Sistemas ternários e binários.....	27
1.4.1 O sistema binário do Inglês <i>versus</i> o potencial sistema binário do PB no uso exofórico .....	28
1.4.2. O sistema binário do Inglês <i>versus</i> o potencial sistema binário do PB no uso endofórico .....	31
1.4.3. Que binarismo seria esse PB?.....	33
1.5. Outros Estudos do PB: algumas pistas a seguir.....	33
1.4.1. A hierarquia referencial .....	33
1.4.2. O paralelismo de função sintática e a adjacência com a sentença do antecedente .....	35
Capítulo 2 - Metodologia .....	37
2.1. Os corpora utilizados .....	38
2.1.1. Os romances traduzidos .....	38
2.1.2. O material jornalístico escrito.....	39

2.1.3 <i>Corpora</i> de língua falada - material cinematográfico.....	40
2.2. O Tratamento dos dados .....	42
2.2.1. Aspectos Metodológicos Gerais .....	42
2.2.2. Variáveis .....	43
Capítulo 3 - A análise dos <i>corpora</i> de romances traduzidos: língua escrita	
ficcional .....	48
3.1.1. O PB versus o PE em material escrito e ficcional em Uso Endofórico .....	51
3.1.2. O PB versus o PE em material escrito e ficcional em Uso Exofórico .....	58
3.2 Considerações Finais da Análise dos <i>corpora</i> de Romances Traduzidos .....	65
Capítulo 4 - Análise dos <i>corpora</i> de Jornais: textos escritos não ficcionais.....	67
4.1. Um segundo confronto: os sistemas demonstrativos do PB e do PE na língua escrita não-ficcional .....	68
4.2. Análise dos <i>corpora</i> de jornais.....	69
4.3. Considerações Finais da Análise dos <i>corpora</i> de jornais brasileiros e portugueses ..	81
Capítulo 5. Análise dos Filmes: os demonstrativos na oralidade .....	82
5.1. O último confronto entre o PB e o PE: simulando a oralidade.....	83
5.2 O PB e o PE no uso oral e endofórico .....	84
5.3 O PB e o PE no uso oral e exofórico .....	92
5.4 Considerações finais sobre os <i>corpora</i> de filmes .....	100
Considerações Finais.....	102
1. Resposta ao problema: especialização ou substituição de formas? .....	103
2. Respostas às outras questões importantes.....	103
2.1 Identificação do escopo do binarismo do PB oral .....	103
2.2. Comparação do sistema demonstrativo do PB ao do PE .....	104
Bibliografia.....	107

## **Lista de tabelas:**

Tabela 1: Corpus de romances traduzidos - Distribuição dos Demonstrativos por Fonte...	39
Tabela 2: Corpus de Filmes PB - Distribuição dos Demonstrativos por Fonte. ....	41
Tabela 3 - Filmes PE - Distribuição dos Demonstrativos por Fonte. ....	42
Tabela 4: Romances Traduzidos: Confronto Geral da Tradução de "this/these". ....	49
Tabela 5: Romances Traduzidos: Distribuição de "este" e "esse". ....	50
Tabela 6: Romances Traduzidos: Distribuição de "este" e "esse" por tipo de referência....	50
Tabela 7: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função da combinação (ou não) com um nome. ....	51
Tabela 8: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do traço [referencial].....	52
Tabela 9: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do traço [Concreto]. ....	53
Tabela 10: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do traço [humano].....	54
Tabela 11: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do campo de interlocução. ....	57
Tabela 12: - Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos em função do tipo de referência endofórica. ....	57
Tabela 13: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função da combinação (ou não) com um nome. ....	59
Tabela 14: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função do traço [Concreto]. ....	60
Tabela 15: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função do traço [humano].....	61
Tabela 16: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função do campo de interlocução. ....	63
Tabela 17: Jornais PB: Distribuição Geral dos Demonstrativos por fonte. ....	68
Tabela 18: Jornais PE: Distribuição Geral dos Demonstrativos por fonte. ....	69
Tabela 19: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função da combinação (ou não) com um nome.....	70

Tabela 20: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função da adjacência entre as sentenças do pronome e seu antecedente. ....	71
Tabela 21: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função da comparação das funções sintáticas do antecedente e o pronome. ....	73
Tabela 22: Jornais - Distribuição dos demonstrativos em função do traço [Referencial]. ...	74
Tabela 23: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função do traço [concreto]. ....	75
Tabela 24: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função do traço [humano]. ....	76
Tabela 25: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função do Tipo de Referência Endofórica. ....	79
Tabela 26: Filmes: Distribuição Geral dos Demonstrativos nos corpora de PB e PE. ....	83
Tabela 27: Filmes: Distribuição dos demonstrativos por Tipo de Referência. ....	83
Tabela 28: Filmes: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função da combinação (ou não) com um nome. ....	84
Tabela 29: Filmes: Demonstrativos em Uso Endofórico em função do traço [referencial].	85
Tabela 30: Filmes: - Demonstrativos em Uso Endofórico em função do Traço [concreto].	86
Tabela 31: Filmes: - Demonstrativos em Uso Endofórico em função do Traço [concreto].	87
Tabela 32: Filmes - Demonstrativos em Uso Endofórico por campo de interlocução. ....	89
Tabela 33: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função do tipo de Referência Endofórica. ....	90
Tabela 34: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função do tipo de Referência Exofórica. ....	92
Tabela 35: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em do traço [concreto]. ....	93
Tabela 36: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em do traço [humano]. ....	94
Tabela 37: Filmes - Demonstrativos em Uso Endofórico por campo de interlocução. ....	96
Tabela 38: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função dos locativos. ....	98
Tabela 39: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função do presença ou ausência de gesto por parte do falante. ....	99
Tabela 40: Distribuição de "este" e "esse" segundo o tipo de corpus. ....	104
Tabela 41: Frequência de "Esse" no Campo do Locutor segundo o tipo de <i>corpus</i> . ....	105

## **Lista de Gráficos.**

Gráfico 1: Romances traduzidos PB: Demonstrativos endofóricos na Hierarquia Referencial. ....	55
Gráfico 2: Romances traduzidos PE: Demonstrativos endofóricos na Hierarquia Referencial. ....	56
Gráfico 3: Romances traduzidos PB: Demonstrativos exofóricos na Hierarquia Referencial. ....	62
Gráfico 4: Romances traduzidos PE: Demonstrativos exofóricos na Hierarquia Referencial. ....	62
Gráfico 5: Jornais PB - Demonstrativos na Hierarquia Referencial. ....	78
Gráfico 6: Jornais PE - Demonstrativos na Hierarquia Referencial. ....	79
Gráfico 7: Filmes PB: Demonstrativos em Uso Endofórico na Hierarquia Referencial. ....	88
Gráfico 8: Filmes PE: Demonstrativos em Uso Endofórico na Hierarquia Referencial.....	89
Gráfico 9: Filmes PB - Demonstrativos em Uso Exofórico na Hierarquia Referencial. ....	95
Gráfico 10: Filmes PE - Demonstrativos em Uso Exofórico na Hierarquia Referencial. ....	96

## **INTRODUÇÃO**

## **1. Objeto de estudo**

O presente trabalho se insere na discussão acerca das diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, doravante PB e PE, respectivamente. Estudamos aqui a configuração do sistema demonstrativo vigente no uso feito por brasileiros e por portugueses. Mais especificamente, focamos nossa pesquisa na oposição entre "este" e "esse", mapeando seus usos em três tipos discursivos diferentes: a escrita ficcional resultante da tradução de texto do inglês, a escrita jornalística e a oralidade.

## **2. A visão dos manuais de gramática e das pesquisas lingüísticas**

Segundo os manuais de gramática, o Português Brasileiro, doravante PB, possui um sistema demonstrativo ternário que reserva funções distintas para "este", "esse" e "aquele". Nessa visão, a oposição entre "este" e "esse" seguiria as seguintes regras:

- 1) na retomada de referentes, ou seja, na anáfora, tanto "este" quanto "esse" seriam permitidos;
- 2) quando o pronome diz respeito a algo que será anunciado, ou seja, na catáfora, a forma "este" seria a única possível;
- 3) na referência a objetos que estão próximos ao falante, usa-se a forma "este";
- 4) na referência ao que está próximo do interlocutor ou ouvinte, usa-se a forma "esse";
- 5) para se referir a um passado recente a forma "esse" seria a adequada;
- 6) na referência ao tempo corrente ou presente, deve-se optar por "este".

Os manuais também admitem exceções a essa regra, toda vez que os valores estilísticos tomam frente aos gramaticais. O falante poderia, por exemplo, optar pelo uso de "esse" para a referência a algo que dele está próximo se quisesse desvalorizá-lo. O estilo moderno dos escritores também seria outra explicação para o fato de encontrarmos um uso dos demonstrativos diferente do prescrito.

As pesquisas lingüísticas no século XX procuraram verificar a configuração real do sistema demonstrativo do PB e identificaram aí uma situação de mudança. Mattoso Camara Jr. (1976) e (2000) sugeriu que na fala carioca a forma "esse" não se opunha mais à forma

"este" e que a verdadeira oposição estaria entre essas formas e o pronome "aquele". Pavani (1987), trabalhando com material do NURC/SP, encontrou um uso de "esse" predominante, e sustentou que essa forma ocupou espaços e usos antes reservados a "este". Cid, Costa e Oliveira.(1986) confirmaram a mesma configuração na análise de *corpora* do NURC/RJ. Castilho (1993) também confirmou a predominância de "esse" sobre "este", mas considerou que, na escrita, o sistema ternário ainda poderia ser recuperado, toda vez que o uso dêitico assim exigisse do autor. Outro estudo que sustenta a mudança da configuração ternária para a binária é Roncarati (2003), que analisa mais uma vez dados da fala carioca - dessa vez a partir de uma perspectiva variacionista. A hipótese da mudança é confirmada pelo maior uso de "esse" nas faixas etárias mais jovens.

Questionando o pressuposto de que o processo de mudança no PB levaria necessariamente ao binarismo, estão dois trabalhos. Jungbluth (1998), ao analisar folhetos poesia de cordel, encontra uma produtividade expressiva da forma "este" e sugere que os estudos passem a respeitar "os tipos discursivos". Mais recentemente, Marine (2004), realizando pesquisa diacrônica a partir de *corpus* de revistas femininas voltada ao público adolescente, caracteriza o processo de mudança do sistema demonstrativo do PB como um caso de "especialização de formas". Nessa última perspectiva, "esse" se especializou nas referências endofóricas, enquanto "este", nas referências exofóricas.

### **3. Outros estudos sobre o sistema pronominal**

Dois importantes trabalhos sobre o sistema pronominal do PB podem colaborar para a discussão dos demonstrativos. Cyrino, Duarte & Kato (2000) evidenciaram que o processo histórico de preenchimento dos sujeitos e de apagamento dos objetos no PB respeitou o que denominam "hierarquia referencial". Os dados analisados diacronicamente evidenciam que o aumento do sujeito pleno se deu inicialmente em itens menos referenciais e somente mais tarde atingiu os de uma maior carga de referencialidade. Já a trajetória do objeto nulo cumpriu o percurso inverso, aparecendo inicialmente nos contextos marcados por uma maior carga de referencialidade e, posteriormente, expandindo-se para os contextos marcados pelo traço [- referencial].

Mais recentemente, os resultados de Barbosa, Kato & Duarte (no prelo) em trabalho sobre a distribuição de sujeitos nulos e plenos no PB e no PE trouxeram uma questão interessante. Segundo as autoras, o PB preenche mais o sujeito pronominal que aparece separado de seu antecedente por uma outra sentença do que aquele que possui função sintática distinta de seu antecedente. E esse fato distinguiria o PB do PE.

#### **4. O problema**

Como vimos, a discussão sobre o sistema demonstrativo brasileiro tem produzido muitos trabalhos, desde o século XX. O trabalho de Marine (2004) optou por uma visão inovadora do fenômeno: a hipótese da especialização de formas em função do tipo de referência.

Essa hipótese, no entanto, foi sustentada a despeito dos dados históricos obtidos pela pesquisadora e que evidenciaram uma trajetória de produtividade crescente para a forma "esse", tanto no uso endofórico quanto exofórico. Por isso, consideramos que a questão está aberta. Estamos diante de um processo de substituição de formas ou de especialização? Como diferenciar a especialização dos contextos de resistência que podem marcar os processos inconclusos de substituição?

#### **5. Outras questões da pesquisa**

Além de tentar contribuir para a solução do "problema" que mencionamos no item anterior, o presente trabalho tentará comparar materiais do PB e do PE, para responder as seguintes questões:

1. Se o PB caminha para o binarismo, qual a sua configuração? Podemos aproximá-lo do sistema vigente no inglês que opõe "*this*" a "*that*"?
2. Os sistemas demonstrativos do PB e do PE se comportam de forma idêntica? Se não, em que diferem?

- 2.1. Qual o impacto do gênero discursivo no uso dos demonstrativos tanto no PB quanto no PE? Os gêneros escritos de fato impõem um maior uso de "este"?
- 2.2. Qual o peso da ancoragem do campo de interlocução no uso dos demonstrativos em ambos os sistemas?
- 2.3. A hierarquia referencial pode explicar a distribuição de "esse" e "este" no PB e no PE?
- 2.4. No uso endofórico, a proximidade entre o pronome e o seu antecedente favorece alguma das formas demonstrativa?
- 2.5. Qual o impacto do paralelismo de funções entre o pronome e o antecedente retomado na escolha do demonstrativo?
- 2.6. Os dois sistemas empregam formas diferentes caso o demonstrativo apareça isolado ou acompanhando um sintagma nominal?

**Capítulo 1 - Embasamento teórico: estudos sobre os  
demonstrativos e outros fenômenos do PB**

### 1.1. A Visão das Gramáticas Normativas sobre o sistema demonstrativo do PB

As gramáticas normativas editadas no Brasil sustentam que a língua portuguesa mantém um sistema de demonstrativo tripartite no uso exofórico. Assim, "este" seria o demonstrativo exclusivo da área do falante, "esse" para o campo do ouvinte e "aquele", o pronome para a referência a tudo o que é exterior à área destes interlocutores.

Vejamos a argumentação de Rocha Lima: "Quando ao conversar com alguém, eu digo "esta cadeira", a palavra *esta* mostra que a cadeira está perto de mim, ou é a em que me sento. Mas direi "essa cadeira", se me quiser referir à que está ao lado do meu interlocutor, ou à em que ele se senta" (ROCHA LIMA, 1972: 101). À referência espacial, o gramático acrescenta, ainda, a noção temporal, através da qual "este" se relaciona com tempo corrente ou presente, "esse" com passado recente e *aquele* a uma data longínqua.

O Quadro abaixo, retirado de Cunha e Cintra (2001), confirma o modelo proposto por Rocha Lima (1972) e estabelece a relação direta entre as pessoas do discurso:

**Quadro 1 - Uso dos Demonstrativos no espaço e no tempo - Regra Geral**

<b>Demonstrativo</b>	<b>Pessoa</b>	<b>Espaço</b>	<b>Tempo</b>
este	1 <sup>a</sup>	situação próxima	presente
esse	2 <sup>a</sup>	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3 <sup>a</sup>	situação longínqua	passado vago ou remoto

(CUNHA e CINTRA, 2001: 331).

No uso endofórico, Cunha e Cintra assinalam que para a anáfora, entendida como a referência ao que dissemos anteriormente, tanto as formas de "este" como as de "esse" são possíveis. Na referência à catáfora, ou seja, ao que será mencionado, "este" é a única

possibilidade. Na referência ao que o nosso interlocutor disse deve-se optar pelo uso de "esse" (CUNHA e CINTRA, 2001: 332).

Uma relação comumente prevista nas gramáticas normativas é a que existiria entre os demonstrativos e os locativos "aqui", "aí", "ali/lá". Em Rocha Lima, por exemplo, há um quadro que prevê que *aqui* deve estar diretamente relacionado à primeira pessoa, "aí" à segunda e, finalmente, "ali/lá" à terceira pessoa (ROCHA LIMA, 1972: 101).

Ao uso previsto pela regra geral, os gramáticos acrescentam o uso particular ou especial dos demonstrativos. A regra é flexibilizada e encontramos afirmações como as a seguir: "não há, entretanto, muito rigor na distinção de *isto* e *isso*, em virtude da predominância dos seus valores estilísticos sobre os seus valores gramaticais [grifo meu]" (ROCHA LIMA, 1972: 294). Para Cunha e Cintra, "com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoa ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Lingüisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta, isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquela*. (...) Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo "esse" em lugar de "este"" (CUNHA e CINTRA, 2001: 331).

Outras transgressões permitidas pelos manuais de gramática são aquelas atribuídas ao estilo moderno dos escritores: "Tradicionalmente, usa-se *nisto* no sentido de 'então', 'nesse momento' (...) Escritores modernos, entretanto, empregam também *nisso*" (CUNHA e CINTRA, 2001: 333).

## **1.2. Estudos descritivos dos demonstrativos no PB**

Vários estudos lingüísticos têm contestado a versão dos manuais de gramática para o sistema demonstrativo do PB. Mattoso Camara Jr. (2000), na função anafórica (entendida como referência endofórica) já havia identificado a perda da oposição: "... no emprego anafórico desaparece a oposição "este"- "esse", ou antes, "este" não passa de uma forma mais enfática do que "esse". A oposição estrutural se transpõe para uma mera oposição estilística. A verdadeira oposição fica entre "este" ("esse"): "aquele", assinalando o

primeiro membro proximidade no contexto e o segundo uma referência à distância" (MATTOSO CAMARA JR, 2000: 124).

Ainda segundo Mattoso Camara Jr., no emprego dêitico (que tratamos como exofórico), o sistema tripartite também mostra uma certa instabilidade: na fala, a equivalência gramatical de "esse" e "este" também estaria se tornando uma realidade, o que seria explicado por sua proximidade fonológica. "Surge daí uma variação livre entres 'este' e 'esse', em que na área do Rio de Janeiro predomina a segunda forma" (MATTOSO CAMARA JR, 2000: 124). Assim, o sistema de demonstrativos do português brasileiro estaria passando por uma fase de instabilidade e mudança: "... com a tendência a suprimir a discrepância entre o sistema tripartido aí e o bipartido da função anafórica" (MATTOSO CAMARA JR, 1976: 104).

Sílvia Pavani (1987), trabalhando com *corpus* constituído pelo material do NURC/SP, constatou que na fala a forma "esse" (com 63,5% do total dos demonstrativos) é superior a "este" (com apenas 12% das ocorrências). Os resultados obtidos pela autora não confirmaram uma relação rígida entre os demonstrativos e os locativos: "esse" + "aqui" apareceu em 8 de 22 ocorrências. Um ponto muito importante observado por Pavani é que não há a junção de "este" e "aí", o que leva a concluir que não há intercâmbio entre as formas de "este" e "esse", mas um processo no qual o primeiro está sendo englobado pelo último.

Cid, Costa e Oliveira (1986), trabalhando material de língua falada da cidade do Rio de Janeiro, obtiveram um resultado similar ao de Pavani (1987) e confirmaram Mattoso Camara Jr. (2001). As pesquisadoras encontraram, no uso endofórico, 59 ocorrências de "este" contra 484 de "esse". Ou seja, "esse" foi utilizado em 89% dos casos.

Castilho (1993), no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado, também encontra a hegemonia da forma "esse", que atinge 58% do total de ocorrências - em contagem que incluiu a forma "aquele". No confronto das formas neutras - somando-se aí também o uso de "o" - "isto" é apenas 4%, enquanto "isso" ocorre em 67% dos casos mapeados. No entanto, Castilho considera precipitação decretar o desaparecimento do sistema ternário "pois na língua escrita, quando se configuram algumas necessidades dêiticas, esse sistema reaparece claramente..." (CASTILHO, 1993: 127).

Roncarati (2003), trabalhando com dados da fala carioca, atestou a reconfiguração do sistema mostrativo de primeira e segunda pessoa, cujos valores *default* foram alterados em função da perda de referência centrada na pessoa do discurso, o que vem, segundo a autora, pressionando a implementação de um sistema dicotômico naquela variedade do PB. Os resultados encontrados confirmam a elevada produtividade de "esse/isso" e a ocorrência inexpressiva das formas "este/isto" tanto ao nível do indivíduo quanto de toda a comunidade. Essa liderança da forma "esse" se faz principalmente na faixa etária mais jovem. O principal mecanismo compensador do processo de enfraquecimento do sistema ternário é, segundo Roncarati, a combinação do mostrativo com advérbios dêiticos ("esse" + "aqui").

Marine (2004) realizou estudo diacrônico comparando o século XIX a três períodos do século 20, a partir de *corpora* constituídos por revistas femininas. Como resultado geral, Marine detectou a mudança de um sistema binário que opunha "este" a "aquele" (e que vigorava até 1915) para o sistema atual - que opõe "esse" a "aquele" - vigente desde a década de 1960. Ao observar o uso dos demonstrativos em função do seu caráter referencial, Marine (2004) identifica o que considera uma especialização de formas: "esse" seria, por excelência, a forma da função endofórica (posição consolidada já no início do século XX), enquanto a forma "este" se especializou no uso exofórico.

Uma questão relevante analisada por Marine (2004) diz respeito à distribuição de "este" e "esse" em função da oposição pronome adjetivo (quando o demonstrativo é seguido de um nome) *versus* pronome substantivo (quando sozinho retoma um nome). Seus dados mostram que, historicamente, houve uma maior resistência de "este" quando esse demonstrativo funcionava como pronome substantivo. Assim, se na década de 1960/1970 "esse" já mantinha o seu predomínio nos pronomes adjetivos, nos pronomes substantivos apenas na década de 1990 essa condição foi alcançada por essa forma.

No uso exofórico, a autora aponta o impacto do uso do demonstrativo agregado a uma figura que funcione como uma espécie "mostrador". Para a pesquisadora esse procedimento explicaria o maior equilíbrio entre "este" e "esse" na década de 1990.

Outra análise importante de Marine (2004) diz respeito à distribuição dos demonstrativos "este" e "esse" nas diferentes estratégias de realizar a referência endofórica. Para estudar essa questão, a pesquisadora destaca os seguintes tipos de anáfora:

- Anáfora do tipo I: O demonstrativo aparece junto ao nome já mencionado anteriormente (antecedente retomado). Esse tipo de anáfora ainda tem uma versão em que há a elisão do nome quando se faz o uso do pronome.
- Anáfora do tipo II: O demonstrativo é acompanhado de um sinônimo do nome retomado.
- Anáfora do tipo II: O demonstrativo não retoma não apenas um nome, mas uma idéia ou uma ação.

Os dados da pesquisadora mostraram que "este" era no final do século XIX a partícula mais utilizada nos diferentes tipos de anáfora assinalados acima, tendo produtividade sempre superior a 87%. Já no início do século XX, o pronome "esse" supera a produtividade de "este" nas anáforas do tipo II e III. Na anáfora do tipo I, "esse" só se tornou predominante nas décadas de 1960/1970. De modo que no último período analisado, a década de 1990, "esse" assume o papel que "este" tinha no final do século XIX.

Um papel importante ainda destinado às formas de "este" foi encontrado por Jungbluth (1998) nos folhetos de poesia de cordel. Realizando uma análise qualitativa, a lingüista relata ter encontrado textos marcados pelo uso exclusivo dessa partícula para designação do próprio folheto ou em função textual ("neste livrinho", "nesta segunda lição"). O uso indistinto de "este" ou de "esse" nas referências ao que foi mencionado anteriormente também foi assinalado pela autora em sua análise. Diante do resultado encontrado, Jungbluth sugere que as pesquisas levem em conta a tradição do tipo de texto: o resultado das frequências dos demonstrativos "devem ser diferenciados pelos tipos de discursos respectivos, a fim de melhor se esclarecer se a elevada frequência de *esse* é representativa para todo o tipo de texto ou só para algum" (JUNGBLUTH, 1998: 349).

### **1.3. Especialização ou Substituição**

Como vimos anteriormente, Marine (2004) sustenta a tese de que as mudanças no sistema demonstrativo do PB têm levado a um quadro de especialização de formas em função do tipo de referência: "esse" se especializou no uso endofórico, enquanto "este", no uso exofórico. Ou seja, se essa afirmação estiver correta, podemos concluir que o que

ocorreu no PB não levaria à transformação do sistema ternário em binário, uma vez que "este" não seria substituído por "esse".

Na presente seção, faremos uma reflexão sobre o processo de especialização de formas, a partir de importantes trabalhos responsáveis pela consolidação do termo no quadro interpretativo das mudanças ocorridas nas línguas, em especial no PB. Buscaremos delimitar o seu escopo, confrontando como a substituição de formas, e principalmente, distinguindo-o de contextos de resistência à mudança.

### 1.3.1. A especialização de formas com explicação de fenômenos lingüísticos

Negrão & Müller (1996) estudaram o uso de categorias vazias e lexicais na posição de sujeito e a distribuição das formas possessivas de 3ª pessoa ("seu" e "dele"). Para as autoras, no PB, nenhum desses casos pode ser caracterizado pela substituição de formas resultante do desaparecimento de uma delas, "... mas são um caso de coexistência de formas no sistema pronominal do PB, com uma especialização no uso de cada uma delas ..." (Negrão & Müller, 1996: 125).

Sobre a questão do sujeito nulo e pleno, as autoras contestam a tese de que o enfraquecimento da flexão seria a causa do aumento do preenchimento dessa posição sintática, mostrando que a categoria plena ocorre mais na primeira pessoa (cuja flexão manteve-se bem definida) que na terceira pessoa (cuja flexão igualou-se à da segunda pessoa do singular e, em alguns dialetos do PB, à primeira do plural). Após compararem os seus resultados aos dados obtidos anteriormente por pesquisa realizada por Fernando Tarallo dez anos antes, as pesquisadoras atestam que o processo de preenchimento de sujeito nulo está **estabilizado**. Por fim, ao investigar mais detalhadamente o não-preenchimento da 3ª pessoa, as pesquisadoras sustentam um processo de especialização: a categoria vazia é favorecida pela presença de um sintagma nominal antecedente ou um de um que-relativo. E para isso, mostram que esses dois contextos explicam a maior parte dos casos: 66% dos dados de não-preenchimento na terceira pessoa.

As autoras contestam também as pesquisas realizadas que, naquele momento, sustentavam o processo de substituição de "seu" por "dele". Analisando o impacto de um antecedente quantificado na escolha do possessivo, encontram um resultado bastante

revelador: categoricamente a presença do antecedente quantificado leva à escolha de "seu". Com isso, as autoras sustentam a tese "... de que está ocorrendo com as formas possessivas de 3ª pessoa uma **especialização** - **seu** seria a forma lexical escolhida para funcionar como a variável presa; e **dele**, a forma escolhida para expressar correferência" (NEGRÃO & MÜLLER, 1996: 146).

Outra menção ao processo de especialização de formas aparece em trabalho que compõe os Anais de Seminário do Gel de 1997. Lá encontramos a afirmação de Torres-Morais que tem uma visão um pouco diferente do processo esboçado por Negrão & Müller (1996). Para a pesquisadora, "a especialização vai ser entendida (...) como um tipo de reanálise que atua nas formas ou estruturas em variação, não propriamente impedindo que as mudanças ocorram, mas que se realizem por substituição de formas mutuamente incompatíveis" (Torres-Morais, Müller, Franchetti & Viotti, 1998: 113).

A partir desses dois trabalhos podemos delimitar o escopo da especialização opondo-a ao processo de substituição de formas, e separando-a de contextos que caracterizam a mera resistência de uma forma em vias de desaparecimento. É o que faremos na próxima seção.

### **1.3.2. Substituição de formas *versus* especialização de formas *versus* contextos de resistência**

A primeira definição que podemos extrair dos trabalhos acima se refere à oposição clara entre substituição e a especialização de formas. No primeiro, uma forma vai, historicamente, ocupando o espaço de outra, até que esta última desapareça. A especialização, por sua vez, é o processo pelo qual uma das formas encontra um uso no qual se especializa e que a mantém ativa no sistema lingüístico. Em comum, esses dois processos permitem que uma determinada forma possa perder espaço, ou seja, contextos de uso, para outra. A questão, então, que parece separar os dois fenômenos é a seguinte: uma forma desaparecerá ou se especializará em um determinado contexto de uso?

Resta-nos definir o que separa a especialização dos contextos de resistência que podem caracterizar um processo de substituição em curso. Ou seja, o fato de encontrarmos uma distribuição que reserva a cada uma das formas uma certa frequência deve levar-nos

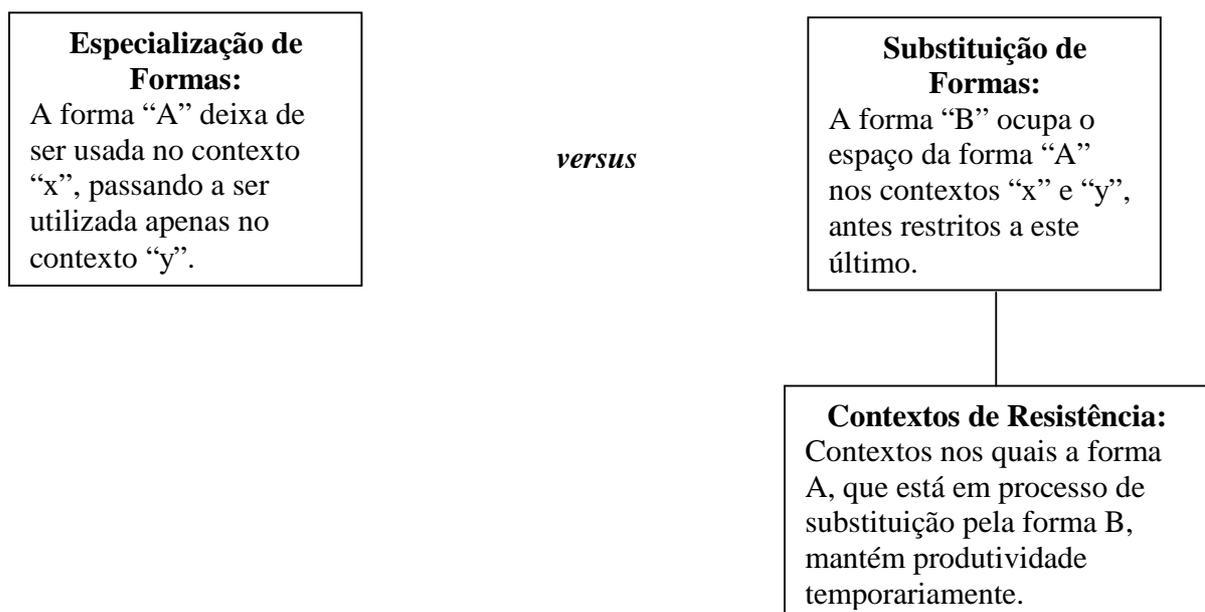
automaticamente a sustentar a tese de especialização de formas? Voltemos aos pesquisadores anteriormente analisados para refletirmos sobre isso.

Um dos critérios utilizados para caracterizar a especialização é a busca de provas que evidenciem a "estabilização" na distribuição das formas estudadas. Para isso, Negrão & Müller (1997) lançam mão da perspectiva diacrônica e observam que em pelo menos 10 anos não houve mudança significativa na distribuição do sujeito nulo e do sujeito pleno.

Mesmo quando o trabalho não tem essa perspectiva histórica, é possível sustentar a especialização, novamente embasada por provas consistentes. Assim, Negrão & Müller (1996) encontram um contexto em que 100% dos usos se deram com a forma que era acusada de estar em processo de extinção. Isso sugere que, em uma perspectiva sincrônica, é necessário que se encontre uma produtividade "robusta" no contexto em que a forma supostamente se especializa. E se os dados forem categóricos tanto melhor.

Por outro lado, se a "estabilização" da distribuição não se confirma, se não encontramos essa "robustez" na frequência de uso e, ainda assim, as estatísticas mostrarem que as formas confrontadas ainda encontram utilização entre os usuários da língua, não se pode optar pela tese da especialização - ao menos sem riscos. Podemos estar diante de um simples contexto de resistência que poderá, ao longo do tempo, ser derrubado e permitir a extinção total de uma das formas utilizadas, o que caracterizaria a substituição de formas.

Os fenômenos que podem caracterizar os processos de mudança lingüística podem ser esquematizados, então, da seguinte forma:



Feitas essas considerações, podemos passar à aplicação dos critérios acima discutidos sobre os dados de Marine (2004) e avaliar se a sua hipótese de especialização das formas demonstrativas em função do tipo de referência pode ou não ser sustentada. É o que faremos a seguir.

### **1.3.3. Mudanças no Sistema Demonstrativo do PB: Substituição ou Especialização de formas**

A hipótese de Marine (2004) sobre a especialização de formas levou em conta o fato de que em todos os períodos analisados pela autora "este" se manteve predominante sobre "esse" na referência exofórica, enquanto "esse" tornou-se o demonstrativo por excelência para as referências endofóricas.

Pode-se argumentar inicialmente que a elevada frequência de "este" em uso exofórico no último período analisado (a década de 1990), 58,5% é "robusta" o suficiente para sustentar a especialização. Entretanto, a rigor, poderíamos afirmar que a produtividade de "esse" (41,5%) é ainda bastante elevada para não considerá-lo pertinente para explicar os casos de exófora.

Além disso, faz-se necessário questionar nos dados históricos se há evidências de estabilização na distribuição de "este" e "esse". E a resposta para essa questão parece ser "não". Os dados da pesquisadora mostram que no uso exofórico a queda de produtividade de "este" diante de "esse" é significativa ao longo do tempo: "este" teria partido de 99% das ocorrências no século XIX, passado a 80% nas décadas de 1960/1970 e, finalmente, chegado à década de 1990 com produtividade de 58,5%. Ora, a sua tendência de queda é clara, e parece ter se acelerado nos últimos anos: em 30 anos perdeu mais que nos 60/70 anos que cobrem a diferença do primeiro período analisado para o segundo.

Por todos esses motivos, questionamos a hipótese da especialização de formas em função do tipo de referência e entendemos que não é possível descartar a caracterização do processo de mudança do sistema demonstrativo do PB como um caso de substituição de formas.

#### 1.4. Sistemas ternários e binários

A hipótese de que o sistema demonstrativo do PB vem se tornando binário não é estranha à evolução histórica de algumas das línguas latinas. De acordo com Iliescu (1976), o sistema latino originalmente guardava uma configuração que nomeia semi-bi-binário - ternário em nossa terminologia - cuja configuração pode ser descrita como se segue:

	Proximidade	Distância
Emissor	HIC	ILLE
Receptor	ISTE	

Esse sistema mais tarde levou a dois outros. O primeiro tinha configuração semi-bi-binária e era subdividido em dois, o segundo apresentava uma configuração binária, conforme podemos ver nos esquemas abaixo:

Sistema 1A (semi-bi-binário)

(ECCU) ISTE	ECCU ILLE
(ECCU) IPSE	

Sistema 1B (semi-bi-binário)

(ECCU) ISTE	ECCU ILLE
outra forma composta com ISTE	

Sistema 2 (binário)

(ECCU) ISTE	ECCU ILLE
-------------	-----------

Os sistemas demonstrativos das diferentes línguas latinas evoluíram seguindo esses modelos. O Português, o Espanhol, Catalão, o Ocitano, o Italiano<sup>1</sup> e o Sardo optaram pela manutenção do sistema semi-bi-binário (ternário) do latim clássico. Já o Francês, o Retoromano e o Romeno optaram pela configuração inovadora binária.

Admitindo-se a possibilidade do PB estar se distanciando do modelo adotado pelo PE, passando a adotar o sistema binário, algumas questões se fazem importantes. Será que a configuração adotada pelos brasileiros, ao menos na oralidade, se comporta da mesma forma que a de uma língua cujo sistema binário já está consolidada? Há apenas um tipo de configuração binária? Que binarismo é esse? Para responder a essas perguntas, faremos algumas comparações entre o Inglês<sup>2</sup> e a língua falada no Brasil.

#### **1.4.1 O sistema binário do Inglês *versus* o potencial sistema binário do PB no uso exofórico**

De acordo com Halliday e Hasan (1997), no uso exofórico o Inglês guarda a seguinte distinção: a forma "*this*" é usada para tudo que está próximo do falante, enquanto *that* é usado para aquilo o que dele está longe, estando próximo ou não do destinatário. Em alguns dialetos do Inglês, há a possibilidade de três formas: "*this*", indicando "perto de mim"; "*that*", "perto de você" e "*yon, yonder*" para "longe de nós dois".

"In languages like Standard English, with only the two terms, 'this' is more specific than 'that', since 'this' has the speaker as its point of reference while 'that' has no particular reference point - it is simply interpreted as 'not this'" (HALLIDAY & HASAN, 1997: 59).

O ponto de vista dos autores acima pode ser bem exemplificado se considerarmos as sentenças abaixo:

---

<sup>1</sup> O Italiano literário mantém o sistema ternário, composto por *questo*, *codesto* e *quello*, porém no Italiano comum, o sistema é binário opondo *questo* a *quello* (Oliveira, comunicação pessoal).

<sup>2</sup> A escolha do inglês para a comparação com o PB foi realizada para dar sustentação à análise de um dos *corpora* que serão analisados no presente trabalho, constituído a partir da tradução de romances infanto-juvenis escritos em língua inglesa por tradutor português e brasileiro.

- (1) *Look at this book here.*
- (2) *Look at that book there.*
- (3) *Look at that book in your hand.*

Note na sentença (1) que a proximidade do falante foi marcada pela presença do locativo "here". Em (2), a distância de ambos os participantes foi comprovada pelo uso do demonstrativo combinado com "there", enquanto em (3) o objeto identificado pelo falante está nas mãos de seu interlocutor.

A configuração do sistema demonstrativo inglês impede, no entanto, que haja a combinação do demonstrativo "this" para apontar para algo distante do espaço do falante, como podemos ver em (4) e (5), ou ainda, o uso de "that" para evidenciar algo próximo, o que exemplificamos em (6)<sup>3</sup>:

- (4) \**Look at this book there.*
- (5) \**Look at this book in Your hand.*
- (6) \**Look at that book here.*

Da análise das sentenças (4) e (6), podemos afirmar inclusive que, do ponto de vista estritamente formal, o Inglês impede a combinação de "this+there" e de "that+here".

Na oralidade do PB, entretanto, a configuração binária que confronta "esse" e "aquele" não leva aos mesmos resultados. As formas de "esse" - possíveis traduções de "this/these" - podem se referir a algo próximo do falante, a algo no campo do interlocutor e a algo distante de ambos. Há, no entanto, o impedimento do uso de "aquele" para referências no campo do interlocutor. O sistema atual, se consolidado, não reserva à forma "esse" a mesma especificidade obtida pela forma "this" do Inglês padrão. Vejamos alguns exemplos que atestam essa característica:

- (7) Olhe para esse livro aqui na minha mão.
- (8) Olhe para esse livro lá naquela estante.
- (9) Olhe para aquele livro lá naquela estante.

---

<sup>3</sup> O asterisco indica a agramaticalidade da sentença.

(10) Olhe para esse livro que está aí na sua mão.

(11) \*Olhe para aquele livro aqui.

Em (7) a forma "esse" foi usada para apontar algo no campo do falante e pôde ser combinada com "aqui". A sentença (8) comprova que "esse" pode ser usado para referências distantes do falante - e, inclusive, combinado com o locativo "lá" - de forma semelhante ao uso de "aquele" em (9). O exemplo (10) atesta que "esse" continua a ser utilizado para as referências no espaço do interlocutor, de forma idêntica ao uso da configuração ternária "clássica" do português. E finalmente, a agramaticalidade de (11) deixa-nos claro que no PB a forma "aquele" encontra uma restrição que impede o seu uso para indicação de objetos no campo do falante e, como consequência, sua combinação com o locativo "aqui".

O confronto de (8) com (9) nos permite afirmar inclusive que, na hipótese de consolidação do PB binário, "esse" concorreria em alguns usos com a forma "aquele", característica herdada do sistema ternário clássico. Se no Inglês "*that*" é "*not this*", "aquele" não poderia ser explicado por "não esse" - ao menos não em todos os casos.

Por último, no uso exofórico, o Inglês reserva papéis específicos para "*this*" e "*that*". O primeiro é usado para se referir ao tempo corrente, enquanto o segundo, ao passado. É o que temos nas sentenças abaixo:

(12) I'm very happy this morning.

(13) I've been working hard these days.

(13) I worked hard those days.

O PB, por sua vez, se consolidar a configuração binária, faria uso da forma "esse" para se referir ao tempo corrente - o que se pode ver em (14), mas também ao passado recente, conforme exemplo (15). Mantendo as características adquiridas do sistema ternário, reserva-se para "aquele" a referência ao passado remoto, o que exemplificamos em (16). Note que embora (15) e (16) expressem o passado - ambas com o pretérito simples - a última sentença sugere uma ação ocorrida em um tempo relativamente mais distante.

- (14) Eu estou muito feliz essa manhã.
- (15) Eu trabalhei muito esses dias, mas hoje terei folga.
- (16) Eu trabalhei muito naqueles dias.

#### **1.4.2. O sistema binário do Inglês *versus* o potencial sistema binário do PB no uso endofórico**

Segundo Halliday & Hasan (1997), anaforicamente, tanto "*this*" como "*that*" podem fazer referência a algo dito anteriormente. Em situação de diálogo, há uma tendência do falante usar "*this*" para se referir a algo por ele dito e "*that*" a algo dito por seu interlocutor. A relação "perto de mim" *versus* "não perto" passa a ser expressa por "o que eu mencionei" em oposição "ao que você mencionou". Abaixo colocamos os dois exemplos utilizados por esses autores, evidenciando essa oposição:

- (17) *There seems to have a great deal of sheer carelessness. This is what I can't understand.*
- (18) *There seems to have been a great deal of sheer carelessness.*  
*-Yes, that's what I can't understand.*

Para o PB, o mesmo uso não permite uma equivalência entre "*this*" e "esse" e "*that*" e "aquele". A referência ao que foi por mim mencionado e ao que o meu interlocutor mencionou pode ser facilmente feita através do uso das formas de "esse". Vejamos os exemplos abaixo:

- (19) Embora o céu esteja carregado de nuvens, a chuva não vem. É isso que eu não entendo.
- (20) - Embora o céu esteja carregado de nuvens, a chuva não vem.  
- É isso que eu não entendo.
- (21) Embora o céu esteja carregado de nuvens a chuva não vem.  
\*- É aquilo que eu não entendo.

No exemplo (19) e (20), o falante opta pelo uso do demonstrativo "isso" tanto para se referir ao que foi por ele dito, quanto ao que foi mencionado pelo seu interlocutor. A sentença (21) mostra que a forma "aquilo" não seria aplicável em nenhum desses casos. Assim, se a configuração binária de fato se consolida no PB tal qual encontramos hoje, a forma "esse" mantém as funções acumuladas na configuração ternária, o que distingue esse sistema do binarismo inglês.

Voltando ao Inglês, ainda no uso anafórico, há a associação da noção de tempo presente ao uso de "*this*", o que se pode ver no exemplo (22), reservando a "*that*" as menções ao futuro, como no exemplo (23)<sup>4</sup>.

(22) *We're going the opera tonight. This'll be our first outing for months.*

(23) *We went to the opera last night. That was our first outing for months.*

Na referência anafórica com a noção de tempo, o potencial paradigma binário do PB deixa para a forma "esse" o papel de se referir ao futuro (vide exemplo 24), e abre o confronto desse pronome com a forma "aquele" se o que está em pauta é o passado, como mostra o confronto das sentenças (25) e (26), abaixo.

(24) Iremos ao cinema amanhã. Essa será a primeira vez que sairemos desde que a Alice nasceu.

(25) Nós fomos ao cinema a semana passada. Essa foi a primeira vez desde que a Alice nasceu.

(26) Nós fomos ao cinema a semana passada. Aquela foi a primeira vez que saímos desde que nossa filha nasceu.

Portanto, novamente, a possível configuração binária do PB não se enquadra aos critérios do sistema demonstrativo inglês. O uso de "esse" difere da aplicação de "*this*" e, conseqüentemente "aquele" não equivale a "*that*".

---

<sup>4</sup> Os Exemplos (22) e (23) foram retirados de Halliday & Hasan (1997).

### **1.4.3. Que binarismo seria esse PB?**

A discussão que fizemos na presente seção procurou discutir a possível transformação do sistema de demonstrativos do PB de uma configuração ternária para a binária. A primeira constatação que fizemos é a de que historicamente é perfeitamente plausível que tal transformação ocorra, o que não será novidade no âmbito das línguas latinas. Uma segunda conclusão é a de que se tal transformação se consolidar de fato, isso não igualará o PB a outra língua também binária como o Inglês. Se considerarmos a aceitabilidade das sentenças nos usos endofóricos e exofóricos, a forma "esse" tem uma aplicação que não cabe nas restrições encontradas pela sua possível tradução "*this*": como o espaço de "este" foi ocupado por "esse" sem que tenha havido concessões no seu uso tradicional, a forma brasileira - ao menos atualmente - incorpora noções mais amplas que a forma correlata inglesa. Portanto, a oposição "esse x aquele" não é equivalente para todos os usos à oposição "*this* x *that*".

### **1.5. Outros Estudos do PB: algumas pistas a seguir**

Os estudos mencionados a seguir não tiveram como objeto o sistema demonstrativo, mas se destinaram a explicar o preenchimento (ou não) das categorias de sujeito e objeto no Português. Considerando a possibilidade de que alguns fenômenos lingüísticos possam ter uma origem em comum, descreveremos os seus principais resultados. No capítulo dedicado à metodologia retomaremos esses estudos, justificando algumas das variáveis escolhidas para a investigação da oposição de "este" e "esse" no PB e no PE.

#### **1.4.1. A hierarquia referencial**

Para descrever o sistema demonstrativo brasileiro, retomo os trabalhos que explicam o preenchimento ou não das categorias pronominais. Cyrino, Duarte & Kato (2000) detectaram a grande importância dos aspectos de referencialidade para explicação de dois fenômenos aparentemente contraditórios do português brasileiro: o preenchimento do

sujeito e a presença dos objetos nulos no português brasileiro. Para as autoras, os dois fenômenos são explicados pela Hierarquia Referencial e a Hipótese de Mapeamento Implicacional:

"I. Referential Hierarchy

non-argument	proposition	[-human]	[+human]
		3rd p.	2nd. p. 1st. p.
-specif.			+specif.
[-ref]<-----			-----[+ref]

II. The Implicational Mapping Hypothesis

- a. the more referential, the greater the possibility of a non-null pronoun.
- b. a null variant in a specific point on the scale implies null variants to its lefts, in the referential hierarchy" (CYRINO, DUARTE & KATO, 2000: 59)

Realizando um trabalho diacrônico, as autoras constataam que o aumento do sujeito pleno no PB se deu da direita para a esquerda na "hierarquia referencial" acima descrita:

*"... the more referential items were the first to become phonetically substantive. Subjects referring to a proposition or to a non-human entity have been more resistant to a change"* (CYRINO, DUARTE & KATO 2000:64)

Por outro lado, o aumento histórico da supressão dos objetos respeitou o sentido inverso na hierarquia referencial: atingiu primeiro os itens menos referenciais e, somente mais tarde os itens marcados por uma maior carga de referencialidade.

Ou seja, as trajetórias dos sujeitos e dos objetos no PB, ainda que em direções opostas, acabam por ser explicados pela mesma hierarquia:

"Currently, objects with [-human] or a proposition antecedents are almost categorically null. Subjec bearing the same features are still resistant to the full pronoun change underway" (CYRINO, DUARTE & KATO, 2000: 66)

Como veremos no capítulo dedicado à metodologia, testarei a hipótese de que esta hierarquia também possa determinar de alguma forma a escolha do demonstrativo: o fato de um demonstrativo qualquer se referir a um elemento de maior ou menor conteúdo referencial pode ser determinante para escolha de "esse" ou de "este"?

#### **1.4.2. O paralelismo de função sintática e a adjacência com a sentença do antecedente**

Barbosa, Kato & Duarte (no prelo) estudando também o tema do sujeito nulo *versus* sujeito pleno no PB e no PE apontam questões importantes, cujo efeito nos propomos a verificar em nosso objeto de estudo. As autoras classificam as sentenças do *corpus* constituído para o estudo em quatro tipos:

Sentenças do Tipo I: são aquelas em que o sujeito em questão está em uma subordinada, retomando o antecedente que está na oração principal. É o que temos abaixo, na sentença do PB, que foi retirada do trabalho das autoras:

(27) O cidadão<sub>i</sub> deve provar que  $\sim$  <sub>i</sub> precisa da arma.

Sentenças do Tipo II: são aquelas em que o sujeito em questão se encontra em sentença adjacente à de seu antecedente, ou seja, sem a presença de outra interveniente. É o que temos em (28), sentença do PB, também retirada de Barbosa, Kato & Duarte (no prelo):

(28) O homem <sub>i</sub> finge que é um certo tipo de homem para escrever. Ou seja, trai- $\sim$  <sub>i</sub> o homem.

Sentenças do Tipo III: são aquelas em que o sujeito e seu antecedente estão em sentenças intermediadas por outra. Com o exemplo do PB expresso em (29), percebemos bem esse contexto:

(29) As pessoas *i* estavam numa convivência desumana lá. A padaria já está funcionando, eles *i* vão produzir o próprio pão.

Sentenças do Tipo IV: sentenças em que o antecedente do sujeito não tem essa função sintática., como ocorre em (30), citada pelas autoras como exemplo de sentença do PB:

(30) Já conversei com alguns autores*i* e eles*i* sempre se mostraram interessados, acessíveis.

Analisando o material de PB e do PE segundo essa classificação, as autoras percebem que da sentença I para a IV há em ambos, grosso modo, um aumento do preenchimento do sujeito expresso. Entretanto, o PB "... tolera melhor um antecedente de função diversa do sujeito nulo do que um antecedente que não se encontra em frase adjacente" (Barbosa, Kato e Duarte, no prelo: 6). Isso porque o brasileiro preenche mais o sujeito nas sentenças do tipo III que na do tipo IV.

É nessa última conclusão que pretendemos embarcar, avaliando duas questões para o nosso objeto:

- 1) Qual é o peso do paralelismo de função entre o pronome demonstrativo e seu antecedente na escolha de "este" ou "esse"?
- 2) Qual é o impacto da adjacência ou não entre o pronome e seu antecedente?

A forma como trabalharemos esses pontos será melhor detalhada no capítulo dedicado à metodologia.

## **Capítulo 2 - Metodología**

## 2.1. Os *corpora* utilizados

Para realizar a pesquisa aqui proposta, três *corpora* diferentes foram constituídos, os quais descrevemos a seguir. A escolha dos mesmos procurou garantir que a investigação cobrisse textos de caráter ficcional, uma amostra da língua escrita de não-ficção e, por último, em material que pudesse representar de forma aproximada a língua falada, permitindo assim a investigação do fenômeno em três tipos discursivos diferentes.

### 2.1.1. Os romances traduzidos

Para confrontar diretamente o uso do PB ao PE, formamos, em primeiro lugar, os *corpora* de romances traduzidos do Inglês, língua cujo sistema pronominal demonstrativo é binário, opondo "*this*" a "*that*". Optamos por dois romances voltados para o público infantil, em função da relativa facilidade de se encontrar um material que tivesse sido traduzido simultaneamente no Brasil e em Portugal recentemente. Assim, escolhemos o romance *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, escrito por J. K. Rowling, o primeiro livro da série sobre o mais famoso personagem infantil de nosso tempo. A segunda escolha recaiu sobre o livro que deu início à série *A serial of unfortunate events*<sup>5</sup> de Lemony Snicket, cujo título é *The bad beginning*, o qual, a despeito de não obter o mesmo resultado comercial dos romances de Rowling, faz a ele belo contraponto: não opta pelo vendável final feliz e não recorre aos elementos de caráter místico ou mágico, mas sim à ciência e à razão, para a solução dos conflitos.

O *Corpus* do PB foi formado pelas traduções de Lia Wyler para o romance de Rowling e de Carlos Sussekind para o de Snicket. No *corpus* do PE, os tradutores foram respectivamente Isabel Fraga e Rui Wahnnon.

Ao final, cada um dos romances acima mencionado contribui da seguinte forma para a formação da base analisada:

---

<sup>5</sup> Traduzido como "Uma Série de Desventuras" no Brasil e "Uma Série de Desgraças" na versão lusitana.

Tabela 1: Corpus de romances traduzidos - Distribuição dos Demonstrativos por Fonte.

	Qtd.	%
<b>Harry Potter</b>	57	64%
<b>Bad Beginning</b>	32	36%
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100%</b>

Para trabalhar os *corpora* constituídos por traduções de romances, direcionamos nossa atenção apenas para as ocorrências de "*this/these*" no texto original que foram traduzidas simultaneamente na versão brasileira e na portuguesa por uma das duas formas pronominais aqui estudadas: "este" ou "esse".

Excluimos também todas os casos em que a tradução brasileira e a portuguesa não são equivalentes por dois critérios: 1) quanto à presença ou ausência de um nome que acompanha o demonstrativo: se "*this boy*" foi traduzido por "este garoto" em uma versão e por simplesmente por "Este" em outra, o nosso procedimento foi eliminá-la da análise; 2) quando a opção de um e de outro tradutor resultou em demonstrativos de gêneros distintos: se "*this team*" foi traduzido como "este time" e, ao mesmo tempo, como "esta equipa", também foi excluído.

Evidentemente, estamos conscientes de que as traduções não poderiam ser idênticas. Ademais, algumas traduções optam por um caminho mais interpretativo e outras trabalham mais ao pé da letra. Por isso, não é possível controlar todos os aspectos que garantam a perfeita identidade entre as sentenças resultantes nas versões brasileira e portuguesa. Conscientes dessas limitações, nós entendemos que a análise desses *corpora* traz (e de fato trouxe) resultados importantes para responder às questões levantadas para o nosso objeto.

### **2.1.2. O material jornalístico escrito**

Para estudar o uso dos demonstrativos em material de língua escrita não marcado pelo caráter ficcional, constituímos os *corpora* de material jornalístico. O *corpus* do PB foi composto de matérias jornalísticas de tema variado (política, cidades, esporte, educação,

notícias internacionais) dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, recolhidas das versões disponíveis na internet no período de janeiro a março de 2003. O *corpus* do PE foi formado com matérias disponíveis na internet, de temas também variados, nos jornais Diário de Notícias e Jornal de Notícias, cobrindo o período de janeiro a março de 2003.

Em cada *corpus*, mapeamos as 300 primeiras ocorrências, de forma que cada amostra pudesse ficar com tamanho idêntico, favorecendo a comparação.

### **2.1.3 Corpora de língua falada - material cinematográfico**

Para trabalhar com material que simulasse uma situação de conversação e, ao mesmo tempo, permitisse a análise de todo o contexto conversacional - inclusive o espacial, constituí os *corpora* de PB e PE de filmes recentemente produzidos em ambos os países, com atores locais. O pressuposto aqui é que o ator não controla a diferença prosódica de "este" para "esse" (e vice-versa), caso o sistema ternário estiver de fato marcado pela sua instabilidade.

Assim, o *corpus* de PB foi formado a partir dos seguintes filmes:

1. "Terra Estrangeira" (1995): drama dirigido por Walter Salles que narra a aventura de Paco e Alex, ambos brasileiros, os quais em Portugal são obrigados a fugir de um contrabandista de pedras preciosas. Nesse filme apenas os diálogos de atores brasileiros que representavam personagens também brasileiros foram analisados como amostra de PB.
2. "O Homem que Copiava" (2002): filme dirigido por Jorge Furtado e que narra as aventuras de André, um operador de fotocopiadora apaixonado por Sílvia, sua vizinha, a quem sempre observa pela janela com o uso de um binóculo, e razão pela qual decide enriquecer a qualquer custo.
3. "Durval Discos" (2002): dirigido por Anna Muylaert, narra os últimos dias da loja de discos de vinil de Durval, envolvido nas loucuras de sua mãe, já idosa.
4. "Belini e a Esfinge" (2001): um filme policial dirigido por Roberto Santucci, no qual o detetive Belini tem a missão de resolver o mistério em torno do desaparecimento de uma prostituta e o assassinato de um milionário de origem caucasiana.

As ocorrências de demonstrativos analisadas nesse *corpus* distribuíram-se nos filmes conforme a tabela abaixo:

Tabela 2: Corpus de Filmes PB - Distribuição dos Demonstrativos por Fonte.

<b>FILME</b>	<b>QTD DEMONSTRATIVOS</b>	<b>%</b>
BELINI E A ESFINGE	74	33%
DURVAL DISCOS	27	12%
HOMEM QUE COPIAVA	83	37%
TERRA ESTRANGEIRA	38	17%
<b>TOTAL</b>	<b>222</b>	<b>100%</b>

O *corpus* de PE, foi constituído pelos seguintes filmes:

1. "Capitães de Abril" (2000): filme dirigido por Maria de Medeiros, que narra um episódio importante da História recente de Portugal, a Revolução dos Cravos, empreendida pelos capitães das forças militares portuguesas na década de 1970, e que exigiu o fim da ditadura de Salazar e a interrupção do envio de tropas aos países africanos em luta pró-independência.
2. "Adeus, Pai" (1996): drama dirigido por Luís Filipe Rocha que trata da relação de Filipe e seu pai, um executivo ocupado demais para cuidar do crescimento do filho.
3. "Viagem ao Princípio do Mundo" (1997): um filme de Manoel de Oliveira que narra o retorno de Afonso, a sua cidade natal no interior de Portugal. Como este se mudara desde menino para a França e não dominava a língua portuguesa, é acompanhado por alguns amigos, os quais permitem o diálogo com os parentes residentes no local.
4. "O último mergulho" (1992): um filme dirigido por João César Monteiro que oscila entre o drama e a comédia. Ao tentar se matar, um jovem é convidado por um senhor a aproveitar os últimos instantes da vida gozando a boemia. Fazem, então, um trato de, após isso, mergulharem juntos no mar rumo à morte.
5. "Terra Estrangeira" (1995): filme já citado no *corpus* de PB, e que contém diálogos de atores portugueses, já que foi filmado também em Portugal.

6. "A comédia de Deus" (1995): nesse filme João César Monteiro é diretor e o principal ator. Narra-se a história de João de Deus, um homem que gerencia uma sorveteria, o Paraíso do Gelato, e envolve suas funcionárias e uma adolescente em suas aventuras sexuais doentias.

A contribuição de cada filme para a formação do *corpus* de PE se deu conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 - Filmes PE - Distribuição dos Demonstrativos por Fonte.

<b>FILME</b>	<b>QTD DEMONSTRATIVOS</b>	<b>%</b>
A COMÉDIA DE DEUS	38	20%
TERRA ESTRANGEIRA	21	11%
CAPITAES DE ABRIL	78	41%
ADEUS, PAI	15	8%
VIAGEM AO PRINCIPIO DO MUNDO	21	11%
O ÚLTIMO MERGULHO	18	9%
<b>TOTAL</b>	<b>191</b>	<b>100%</b>

## 2.2. O Tratamento dos dados

### 2.2.1. Aspectos Metodológicos Gerais

Uma primeira questão que precisamos evidenciar sobre nossa metodologia refere-se à delimitação dos níveis da linguagem definidos para a análise. Como estávamos diante de uma variável com implicações importantes não somente no nível da gramática, dado o seu caráter altamente referencial, optamos por trabalhar também nos níveis semântico e discursivo. Entretanto, para que a pesquisa de fato se tornasse realizável e não se perdesse por falta de recorte, não esgotamos todas as implicações possíveis em cada um desses níveis. Assim, como ficará mais claro em seguida, na exposição de cada variável escolhida para explicar o uso das variantes "este" e "esse", selecionamos de cada um dos (sub)sistemas da linguagem os aspectos que nos pareceram mais pertinentes para o estudo aqui proposto.

Além disso, outra definição utilizada em nossa metodologia diz respeito à separação dos demonstrativos em exofóricos e endofóricos, segundo proposta de Halliday e Hasan (1997), também utilizada amplamente em trabalhos anteriores sobre o tema - como Pavani (1997), Cid *et al.* (1986), Roncarati (2003) e Marine (2004), com os quais dialogamos.

### 2.2.2. Variáveis<sup>6</sup>

Um primeiro aspecto que selecionamos para nossa análise encontra-se no nível gramatical: procuramos ver o impacto da escolha das variantes ("este" e "esse") em função do demonstrativo aparecer acompanhando um nome ou substituindo o seu antecedente de forma isolada. Escolhemos essa variável porque, como já mencionamos, segundo os dados de Marine (2004), no PB, "este" resistiu mais a "esse" na função substantiva (demonstrativo isolado) que como pronome adjetivo (demonstrativo + nome). Assim, para analisar essa questão, nos defrontamos com sentenças como (31) na qual o demonstrativo retoma um nome e (32), em que acompanha um nome:

(31) Eu me lembro que ele cantava uma canção. Esta/Essa tinha uma letra horrível.

(32) Eu ganhei um presente do meu primeiro namorado. Este/Esse presente eu guardo até hoje.

Ainda no nível gramatical, mas já invadindo o âmbito da relação estabelecida entre o pronome e seu antecedente, investigaremos a questão do paralelismo das funções sintáticas exercidas por essas duas partes. Ao abarcarmos essa questão, visamos verificar se

---

<sup>6</sup> No presente trabalho utilizamos o termo "variável" para explicar o fenômeno aqui analisado, ou seja, a escolha que o usuário da língua faz entre os demonstrativos "este" e "esse". Esse termo é largamente utilizado por todas as áreas da ciência que se valem da estatística para analisar seus objetos de estudo, e portanto, seu uso não se restringe à sociolinguística: "É freqüente, no cotidiano, termos não só que explicar fatos, observados por nós mesmos ou por outras pessoas, como fazer estimativas ou previsões sobre suas ocorrências futuras. Tais exigências podem ser atendidas quando, dado o fenômeno, conhecem-se suas variáveis significativas e o modo como elas se relacionam" (MILONE e ANGELINI, 1995: 83).

esse paralelismo, importante para explicar a distribuição de sujeitos nulos e plenos (Barbosa, Kato & Duarte, no prelo), é também pertinente para a escolha do demonstrativo.

Passando para aspecto pertencente ao nível semântico, verificaremos o impacto dos traços de referencialidade no uso de "este" e de "esse". Com isso, estaremos tentando responder às questões que levantamos ao expor Cyrino, Duarte & Kato (2000): a referencialidade, usada para explicar a trajetória do sujeito pleno e dos objetos nulos no PB, pode ter alguma influência na escolha de "este" e "esse" pelo usuário da língua? Para isso, em cada ocorrência mapearemos os seguintes traços:

1. O traço [referencial] associado ao demonstrativo<sup>7</sup>: o demonstrativo se refere a uma sentença (e, portanto, tem traço [-referencial]), como no exemplo (33), ou tem traço [+referencial], como o exemplo (34)?

(33) O segundo semestre de 2005 será marcado por um aprofundamento da dívida interna. Eu digo isso/isto não porque governo Lula gasta mais que os anteriores, mas por que aprofunda a política de controle inflacionário baseado na alta dos juros.

(34) Se alguém quer saber se eu costumo comer peixe cru, eu já aviso logo: não como isto/isso nem que me paguem.

2. Traço [concreto] associado ao demonstrativo: o demonstrativo é marcado pelo traço [-concreto] como no exemplo (35) ou pelo traço [+concreto], como em (36)?

(35) A rejeição pode trazer mais do que algumas lágrimas. Com esse/este sentimento algumas pessoas mergulham em profunda depressão e precisam da ajuda de um médico.

(36) Os telefones celulares mais modernos permitem mais do que se comunicar com outras pessoas à distância. Com esses/estes aparelhos é possível fazer fotos e pequenos filmes em formato digital.

---

<sup>7</sup> Considera-se aqui o traço [-referencial] quando o demonstrativo retoma uma sentença. Entretanto, é possível a retomada de uma sentença com traço [+referencial] sempre que temos o chamado "encapsulamento anafórico", fenômeno no qual "na base da informação velha, um novo referente discursivo é criado e se torna argumento de predicacões futuras" (CONTE, 2003: 183).



Outra questão que podemos localizar no sistema discursivo diz respeito ao campo de interlocução. Como se sabe, o sistema ternário está calcado na oposição do campo do qual o locutor participa (marcado pelo uso de "este") *versus* aquele em que se encontra ausente (marcado pelo uso de "esse"). Assim, se em (41) o locutor se refere a algo por ele mesmo dito e em (42) o locutor aponta para algo que está próximo dele mesmo, em (43) refere-se ao que foi dito pelo interlocutor e em (44) mostra algo distante:

(41) - Vai chover. Digo isto/isso por causa da quantidade de nuvens que tem lá fora.

(42) - Você já leu este/esse livro aqui que está na minha mão.

(43) - Vai chover.

- Como você pode dizer isto/isso?

(44) - Quê livro é esse/este aí na sua mão?

Nos romances a questão do campo de locução nem sempre está claramente definida. Isso ocorre porque não é preciso que a posição relativa entre o falante e o objeto apontado seja evidenciada detalhadamente para que se narre os fatos. Os casos enquadrados nessa situação serão anotados "campo de locução não explícito".

Como podemos perceber em (42) e (44) acima, o campo de locução pode ser reforçado, no nível sentencial, pelo uso dos locativos (aí, aqui, lá, etc.). Estudos como o de Roncarati (2003) mostraram que um dos "mecanismos compensatórios" da possível mudança do sistema ternário para o binário no PB seria a combinação de "esse" aos locativos antes pertinentes apenas às formas de "este", como teríamos em sentença como (45). Mapearemos essas combinações para complementar a nossa análise quanto ao campo de locução.

(45) Essa camisa aqui, que eu estou vestindo, é a minha predileta.

Outro ponto que analisaremos refere-se à estratégia de referência endofórica: se anáfora ou catáfora. Como vimos antes, segundo os manuais de gramática, a norma deixa a livre escolha nas referências ao que foi já mencionado, enquanto na catáfora haveria a

obrigatoriedade da forma "este". Checaremos se isso é uma verdade para os *corpora* definidos para nossa análise.

Por último, uma questão que aparece nos contextos conversacionais: se o falante ao utilizar-se de um demonstrativo para apontar algo faz ou não um gesto para melhor identificá-lo. Acreditamos que esse ato possa ser mais um "mecanismo compensador" que tenha permitido o avanço de "esse" nos usos tradicionalmente reservados a "este" para o PB. Checaremos essa hipótese através da análise dos dados que faremos a partir de agora.

**Capítulo 3 - A análise dos *corpora* de romances traduzidos: língua escrita  
ficcional**

### 3.1. O PB e o PE em confronto direto: análise de romances traduzidos do Inglês

Do *corpus* constituído de romances traduzidos recolhemos um total de 89 ocorrências de demonstrativos originados de um "this/these" traduzidos como "este" ou como "esse", nas versões publicadas no Brasil e em Portugal. A tabela 4 mostra-nos que em 64% dos casos houve uma coincidência na tradução portuguesa e brasileira: em 11 % dos casos totais a opção foi "esse" e em 53%, "este". Esse alto índice de concordância, nós atribuímos às revisões editoriais, que aqui e lá agem no sentido de preservar o sistema ternário prescrito pelos manuais.

Tabela 4: Romances Traduzidos: Confronto Geral da Tradução de "this/these".

		Qtd.	%
<b>Tradução Coincidente</b>	<b>Esse no PB / Esse no PE</b>	10	11%
	<b>Este no PB / Este no PE</b>	47	53%
<b>Tradução Divergente</b>	<b>Esse no PB / Este no PE</b>	32	36%
	<b>Este no PB / Esse no PE</b>	0	0%
<b>Total</b>		<b>89</b>	<b>100%</b>

A tradução divergente, que ocorreu nos demais 36% dos casos, mostra-nos um aspecto interessante. Ela ocorreu, em 100% dos casos, quando o tradutor brasileiro optou por "esse" e o português, por "este". Como podemos ver na Tabela 4, não houve qualquer ocorrência que opusesse a escolha de "este" pelas edições do Brasil à de "esse" nos textos publicados em Portugal. A divergência dos sistemas, portanto, não ocorre desordenadamente: quando ela ocorre, expõe a escolha dos brasileiros por "esse" e dos portugueses por "este".

A tabela 5 nos dá uma primeira visão da oposição entre PB e o PE que encontramos a partir dos *corpora* dos romances traduzidos. No PB, há praticamente um equilíbrio de uso entre os dois demonstrativos aqui estudados, ainda que "este" tenha pequena vantagem sobre "esse", enquanto no PE, 89% dos casos foi marcado pelo emprego de "este".

Tabela 5: Romances Traduzidos: Distribuição de "este" e "esse".

	<b>PB</b>	<b>PE</b>
<b>Esse</b>	42 47%	10 11%
<b>Este</b>	47 53%	79 89%

Como definido no capítulo de metodologia, separamos esses empregos em função do tipo de referência (se endofórica ou exofórica). Os resultados estão na Tabela 6, onde novamente as diferenças entre os dois sistemas se evidenciam: no PB, o uso predominante de "esse" se fez na função endofórica, enquanto "este" manteve-se como predominante nas ocorrências exofóricas; no PE, houve sempre o predomínio de "este" qualquer que fosse o uso<sup>10</sup>.

Tabela 6: Romances Traduzidos: Distribuição de "este" e "esse" por tipo de referência.

	<b>PB</b>		<b>PE</b>	
	<b>Uso Endofórico</b>	<b>Uso Exofórico</b>	<b>Uso Endofórico</b>	<b>Uso Exofórico</b>
<b>Esse</b>	22 81%	20 32%	6 22%	4 6%
<b>Este</b>	5 19%	42 68%	21 78%	58 94%

Em uma outra leitura da tabela acima, podemos perceber uma semelhança entre os dois sistemas: o uso endofórico foi sempre o melhor contexto para o aumento da frequência de "esse" - ainda que no PE isso não fizesse dele o demonstrativo predominante, enquanto a referência exofórica faz com que "este" tenha uma participação maior no total dos demonstrativos.

<sup>10</sup> O resultado que obtivemos aqui para o corpus brasileiro de caráter ficcional e escrito é semelhante ao que levou Marine (2004) a sustentar a especialização de formas em função do tipo de referência. Não faremos aqui a mesma defesa por acreditarmos que a elevada produtividade de "este" tenha sua explicação na pressão imposta pela norma gramatical dos manuais.

Passemos pois a analisar o uso dentro de cada um desses dois tipos de referência, evidenciando melhor suas diferenças e semelhanças.

### 3.1.1. O PB versus o PE em material escrito e ficcional em Uso Endofórico

Um primeiro aspecto que percebemos nas ocorrências endofóricas refere-se ao fato de que a presença de um nome, acompanhando o demonstrativo, opõe o PB ao PE: nesse contexto, como podemos ver na tabela 7, a partícula "esse" foi preferida pelos tradutores brasileiros em 85% dos casos, semelhantes a (46b), enquanto "este" foi a mais freqüente nas traduções portuguesas, sendo utilizada em 77% das ocorrências, o que exemplificamos por (46c). Dada a pequena quantidade de dados em que o demonstrativo aparece isolado retomando o seu antecedente, não podemos fazer o contraste entre os dois sistemas lingüísticos nesse contexto.

Tabela 7: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função da combinação (ou não) com um nome.

	PB		PE	
	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome
Esse	1 50%	11 85%	0 0%	3 23%
Este	1 50%	2 15%	2 100%	10 77%

(46a) "See, There was this wizard who went ... bad. As bad as you could go. (...) Anyway, this - this wizard, about twenty years ago now, started lookin' fer followers" (HP, pg. 45).

(46b) "Olha, havia um bruxo que virou ... mau. Tão mau quanto alguém pode virar. (...) Em todo caso, esse ... esse bruxo, faz uns vinte anos agora, começou a procurar seguidores" (PB-HP, pg. 52).

(46c) "Havia um feiticeiro que se tornou cruel. O pior qu'ê possível imaginar. (...) De qualquer modo, este, este feiticeiro há cerca de vinte anos começou a procurar seguidores" (PE-HP, pg. 52).

Passando para a questão dos traços de referencialidade<sup>11</sup>, a presença do traço [+referencial] parece impor tanto ao PB como ao PE um aumento da produtividade de "este". A retomada de uma sentença, ou seja, a presença do traço [-Referencial], como em (47), favorece a melhor produtividade de "esse". Distinguindo os dois sistemas está a opção do PB por "esse" e do PE por "este", independentemente do sinal atribuído ao traço [referencial]. Esses fatos estão expressos na Tabela 8, abaixo.

Tabela 8: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do traço [referencial].

	PB		PE	
	[-Referencial]	[+Referencial]	[-Referencial]	[+Referencial]
Esse	11 85%	11 79%	4 31%	2 14%
Este	2 15%	3 21%	9 69%	12 86%

(47a) "In this book, not only is there no happy ending, there is no happy beginning and very few happy things in the middle. This is because not very many happy things happened in the lives of the three Baudelaire youngsters" (SD, pg.: 1).

(47b) "Vou avisando , porque este é um livro que não tem de jeito nenhum um final feliz, como também não tem de jeito nenhum um começo feliz, e em que os acontecimentos felizes no miolo da história são pouquíssimos. Isso porque momentos felizes não são o que mais encontramos na vida dos três jovens Baudelaire cuja história está aqui contada" (PB-SD, pg.: 9).

<sup>11</sup> Não analisaremos nesse tipo de *corpora* a questão do paralelismo de funções do antecedente e seu pronomes, já que na escolha das ocorrências não exigimos que as traduções portuguesa e brasileira mantivessem a mesma estrutura na sentença que contém o elemento retomado.

(47c) "Neste, não só o final não é feliz, como não é feliz o começo, e muito poucas coisas felizes acontecem pelo meio. E isso porque não houve muitos acontecimentos felizes na vida dos três jovens Baudelaire" (PE-SD, pg.: 9).

A análise do traço [concreto], cujos resultados apresentamos na Tabela 9, mostramos que não há novamente alteração na distribuição geral em que o PB usa predominantemente "esse" e o PE, "este". O material brasileiro mostra um pequeno aumento da produtividade de "esse" na presença do traço [+concreto]. Isso ocorre em (48), cuja tradução portuguesa mantém a opção por "este".

Tabela 9: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do traço [Concreto].

	PB		PE	
	[-Concreto]	[+Concreto]	[-Concreto]	[+Concreto]
<b>Esse</b>	5 71%	6 86%	1 14%	1 14%
<b>Este</b>	2 29%	1 14%	6 86%	6 86%

(48a) "Harry lit a lamp to see his way along of books. (...) Stepping carefully over the rope which separated these books from the rest of library, he held up his lamp to read the titles" (HP, pg. 151).

(48b) "Harry acendeu uma luz para enxergar o caminho entre as fileiras de livros. (...) Saltando com cautela a corda que separava esses livros do resto da biblioteca, ele ergueu a lâmpada para ler os títulos" (PB-HP, pg.: 177).

(48c) "Harry acendeu uma lâmpada para ver o caminho e as fileiras de livros. (...) Passando com todo o cuidado por sobre a corda que separava estes livros dos outros, ergueu a luz para conseguir ler os títulos" (PE-HP, pg.: 172).

A análise do traço [humano] talvez tenha sido prejudicada pela pequena quantidade de dados em contexto marcado pelo traço [+humano] e pela referência endofórica, como percebemos na tabela 10. Considerando os seus resultados, mais uma vez, as opções do PB

por "esse" e do PE por "este" não foram alteradas. A divergência entre os dois sistemas persiste, ainda, no fato de que, no PB, há uma maior resistência de "este" quando esse traço tem sinal positivo, enquanto no PE, é o contexto [-humano] que atuou para ampliar a participação desse demonstrativo sobre "esse". Portanto, se o *corpus* do PB confirma a relação entre a maior carga de produtividade e a maior participação de "este", o material português a contesta.

Tabela 10: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do traço [humano].

	PB		PE	
	[-Humano]	[+Humano]	[-Humano]	[+Humano]
Esse	9 82%	2 67%	1 9%	1 33%
Este	2 18%	1 33%	10 91%	2 67%

O grupo de sentenças a seguir evidencia um dos contextos em que o traço [+humano] se fez presente.

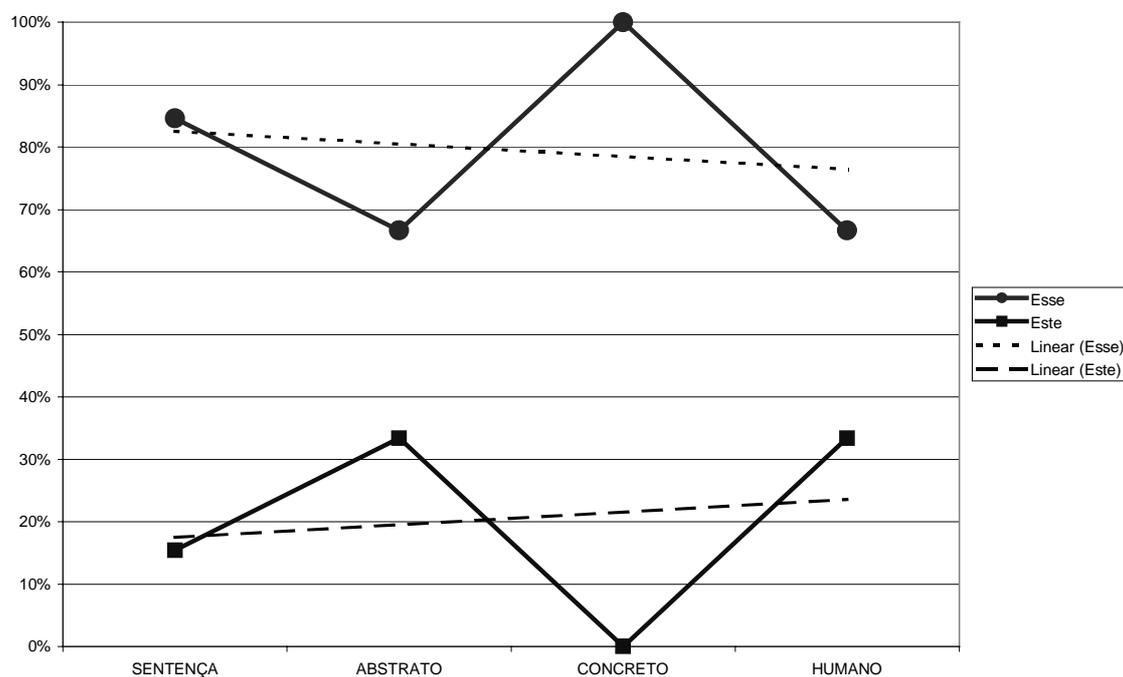
(49a) There was a person who was extremely fat, and who looked like neither a man nor a woman. And behind this person, standing in the doorway, were an assortment of people the children could not see but who promised to be just as frightening" (SD, pg. 48).

(49b) "Havia uma pessoa tremendamente gorda e que não parecia ser nem homem nem mulher. Atrás dessa pessoa, amontoadas junto à porta da cozinha, achavam-se várias outras que as crianças não podiam ver mas que também deviam ser assustadoras" (PB-SD, pg.: 49).

(49c) "E uma pessoa extremamente gorda, que não se sabia se era homem ou mulher. Atrás dessa pessoa, à porta, uma coleção de pessoas que as crianças não podiam ver, mas que prometiam ser igualmente assustadoras" (PE-SD, pg.: 47).

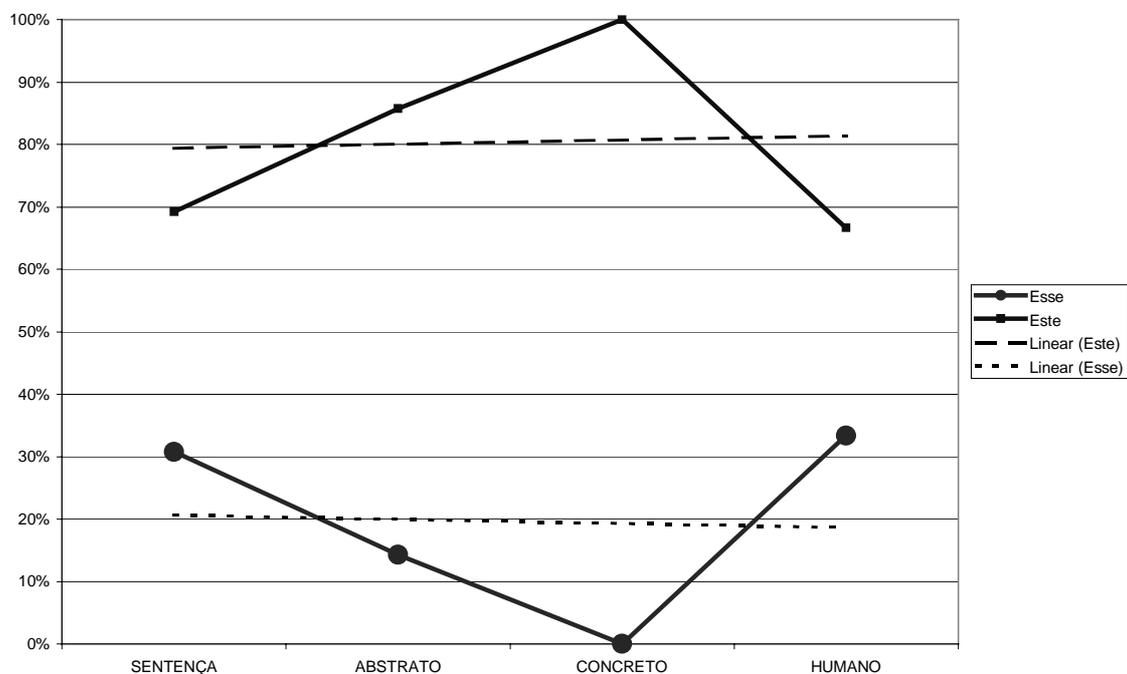
Para melhor analisar o efeito da referencialidade sobre a escolha do demonstrativo nos romances traduzidos, distribuimos as ocorrências conforme sua posição na hierarquia referencial. No gráfico 1, com o resultado do *corpus* do PB, percebemos que a linha de tendência linear<sup>12</sup> resultante da curva de "este" tem leve inclinação positiva, ou seja, à medida que caminhamos para os itens marcados por uma maior carga de referencialidade "este" encontraria melhores condições de produtividade. A escolha de "esse" pelos tradutores brasileiros ao se referir aos itens "concretos" foi a responsável pela suavização do efeito da hierarquia. Já para o PE, cujo resultado aparece no gráfico 2, a linha de tendência obtida a partir da curva de "este", ainda que positiva, não apresenta a mesma inclinação do material brasileiro. O significativo uso "esse" para as referências aos elementos "humanos" minimizou a importância da hierarquia referencial.

Gráfico 1: Romances traduzidos PB: Demonstrativos endofóricos na Hierarquia Referencial.



<sup>12</sup> Optamos por acrescentar a curva de tendência linear, a despeito da pequena quantidade de dados, para melhor evidenciar o impacto da referencialidade no uso dos demonstrativos.

Gráfico 2: Romances traduzidos PE: Demonstrativos endofóricos na Hierarquia Referencial.



Os gráficos acima mostram, ainda, que a oposição entre os dois sistemas torna-se mais evidente quando o demonstrativo refere-se aos elementos "concretos": nesse contexto, o PB opta categoricamente por "esse" e o PE, exclusivamente, por "este".

Analisando conjuntamente a questão do campo de locução e do tipo de estratégia endofórica utilizada (se anáfora ou catáfora), entendemos porque, a despeito da pressão da norma gramatical contida nos manuais, as traduções portuguesa e brasileira puderam divergir e optar respectivamente por "este" e "esse". Embora a totalidade das ocorrências recolhidas se dá nas referências realizadas no âmbito do locutor (vide Tabela 11), a maior parte dos casos analisados, como podemos ver na Tabela 12, ocorre via anáfora, contexto em que os manuais aceitam as duas possibilidades. E a livre escolha não se converte em igualdade de produtividade entre as formas demonstrativas, já que uma delas se torna a mais utilizada pelo usuário da língua: o brasileiro opta por "esse", o português, por "este".

Tabela 11: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função do campo de interlocução.

	PB		PE	
	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor
<b>Esse</b>	22 81%	0 0%	6 22%	0 0%
<b>Este</b>	5 19%	0 0%	21 78%	0 0%

Tabela 12: - Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos em função do tipo de referência endofórica.

	PB		PE	
	Anáfora	Catáfora	Anáfora	Catáfora
<b>Esse</b>	18 82%	4 80%	6 27%	0 0%
<b>Este</b>	4 18%	1 20%	16 73%	5 100%

Os dados da tabela 12 mostram ainda que os tradutores portugueses mantiveram rigorosamente o uso categórico de "este" na catáfora. Já os brasileiros desviam-se dessa norma, preferindo a forma "esse" em 4 de 5 ocorrências, uma das quais exemplificamos através de (50).

(50a) *"You-Know-Who killed 'em. An' then - an' this is the real myst'ry of the thing - he tried to kill you, too"* (HP, pg. 45).

(50b) "Você-sabe-quem matou os dois. E então, e esse é o verdadeiro mistério da coisa, ele tentou matar você" (PB, HP, pg. 53).

(50c) O Quem Nós Sabemos matou-os. E a seguir, e este é o verdadeiro mistério, tentou matar-te a ti" (PE, HP, pg. 52).

Para fecharmos esta seção passaremos a enumerar algumas de nossas principais conclusões a que chegamos a partir da análise dos *corpora* de romances traduzidos do Inglês:

- 1) No uso endofórico, nós encontramos um predomínio de "esse" no *corpus* de PB (81% de produtividade) e de "este" no PE.
- 2) Essa situação foi reforçada quando o demonstrativo foi utilizado combinando-se com um nome: no PB esse contexto favoreceu "esse" no PE, "este".
- 3) De uma forma geral, tanto no PB como no PE, a questão da hierarquia referencial mostrou alguma importância - ainda que de alcance limitado, sugerindo que os contextos marcados por uma maior referencialidade favorecem um melhor desempenho para a forma "este". No material português, o elevado uso de "esse" para elementos "humanos" minimizou esse impacto.
- 4) A divergência entre o PB e o PE na tradução das ocorrências endofóricas de "*this/these*" foi possibilitada pela maior frequência de referências anafóricas no campo no locutor. Nesse contexto, a pressão da norma gramatical dos manuais, que certamente atingiu os textos, permitiu que a livre escolha se fizesse. Mas essa escolha ao que parece não foi tão livre assim, já que os brasileiros preferiram "esse" e os portugueses, "este".
- 5) A se considerar o resultado aqui obtido, o contexto da catáfora não reserva, na prática, o lugar de exclusividade para a forma "este" no PB. Para o PE, entretanto, esse critério é válido.

### **3.1.2. O PB versus o PE em material escrito e ficcional em Uso Exofórico**

No uso exofórico, a primeira variável que analisamos novamente diz respeito à questão da influência do demonstrativo aparecer isolado ou acompanhando um nome na distribuição entre "este" e "esse". A tabela 13, a seguir, expõe os resultados encontrados: a presença do nome acompanhando o demonstrativo agiu sempre no sentido de fortalecer a produtividade de "esse", muito embora, tanto no PB como no PE, esse demonstrativo mantenha uma frequência de baixo índice percentual.

Tabela 13: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função da combinação (ou não) com um nome.

	PB		PE	
	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome
<b>Esse</b>	2 15%	13 34%	0 0%	2 5%
<b>Este</b>	11 85%	25 66%	13 100%	36 95%

Os dados acima mostram ainda que no PB ainda encontramos algumas ocorrências de "esse" isolado, o que não ocorre no PE. Talvez a forma "este" seja mais enfática que "esse", dispensando mais facilmente a repetição do nome do referente apontado. Daí que a sua maior produtividade, tanto no PB como no PE, ocorre no contexto de isolamento, em sentenças como as três versões de (51).

(51a) "It was very cold outside the car. Uncle Vernon was pointing at what looked like a large rock way out to sea. Perched on top of the rock was the most miserable little shack you could imagine. One thing was certain, there was no television in there.

'Storm forecast for tonight!' said Uncle Vernon gleefully, clapping his hands together. 'And this gentleman's kindly agreed to lend us his boat!' (HP, pg. 37).

(51b) " Fazia muito frio do lado de fora do carro. Tio Válter apontou para o que parecia ser um grande rochedo no meio do mar. Encarrapitado no alto do rochedo havia um casebre mais miserável que se pode imaginar. Uma coisa era certa, ali não havia televisão.

- Estão anunciado uma tempestade para hoje! - disse tio Válter alegre, batendo palmas, - E este senhor teve a bondade de concordar em nos emprestar o seu barco! " (PB-HP, pg. 42).

(51c) "Estava um frio de enregelar fora do carro. O tio Vernon apontou para uma coisa que parecia um caminho de rocha, direito ao mar. Encarrapitada em cima de m rochedo

ainda distante, estava a cabana mais miserável que imaginar se pode. Uma coisa era certa, ali não havia televisão.

- As previsões são de tempestade para esta noite! - disse o tio Vernon jovialmente, batendo palmas. - E este senhor, aceitou alugar-nos o barco para irmos até lá! " (PE-HP, pg. 43).

Passando agora para a análise dos aspectos de referencialidade, expressos na tabela 14, percebemos, inicialmente, uma semelhança entre os dois sistemas: o traço [+concreto] parece ter favorecido a um aumento da participação de "este" no total dos demonstrativos, em sentenças como as do grupo (52): no *corpus* brasileiro esse demonstrativo atinge 50% dos casos, enquanto no português atinge 25% dos casos. Os sistemas, entretanto, diferem-se já que o PB faz um uso mais abrangente da partícula "esse", que nos contextos marcados pelo [-concreto] divide os usos igualmente com a forma "este".

Tabela 14: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função do traço [Concreto].

	PB		PE	
	[-Concreto]	[+Concreto]	[-Concreto]	[+Concreto]
<b>Esse</b>	2 50%	18 31%	1 25%	3 5%
<b>Este</b>	2 50%	40 69%	3 75%	55 95%

(52a) "Now, wait quitly, Potter. I need to examine this interesting mirror." (HP, pg. 210)

(52b) "- Agora espere aí quieto. Preciso examinar este interessante espelho." (PB-HP, pg. 247)

(52c) "- Olha vejamos, Potter. Eu preciso de examinar este interessante espelho que esta aí." (PE-HP, Pg. 239)

O traço [humano] também confirma a análise anterior, realizada para o [concreto]. A forma "este", tanto no *corpus* do PB quanto no do PE, tem sua melhor produtividade quando o traço tem sinal positivo: atinge 81% no material brasileiro e 100% dos casos nas traduções portuguesas. Na referência a elementos de traço [-humano], como em (53), a forma "esse" amplia a sua participação, ainda que não se torne predominante em ambos os sistemas.

Tabela 15: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função do traço [humano].

	PB		PE	
	[-Humano]	[+Humano]	[-Humano]	[+Humano]
<b>Esse</b>	17 37%	3 19%	4 9%	0 0%
<b>Este</b>	29 63%	13 81%	42 91%	16 100%

(53a) "Dudley! Mr Dursley! Come and look at this snake!" (HP, pg. 26)

(53b) "Duda! Dursley! Venham ver essa cobra." (PB-HP, 29)

(53c) "Dudley, Mr. Dursley! Venham ver esta serpente!" (PE-Hp, pg. 31)

Para confirmar as questões sobre o impacto da hierarquia referencial na escolha do demonstrativo em referência exofórica, apresentamos o gráfico 3 (com os resultados obtidos do *corpus* do PB) e o gráfico 4 (com o resultado do PE). Como podemos ver de forma bastante evidente na inclinação positiva das curvas de "este", esses demonstrativos ampliam sua participação à medida que caminhamos para a direita, ou seja, para os elementos de maior carga referencial. As curvas de "esse" mostram uma trajetória inversa, apresentando índices maiores à esquerda da hierarquia referencial<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Nos gráficos 3 e 4, dada a trajetória das curvas de "este" e "esse" não encontramos a necessidade de lançar mão da curva de tendência linear.

Gráfico 3: Romances traduzidos PB: Demonstrativos exofóricos na Hierarquia Referencial.

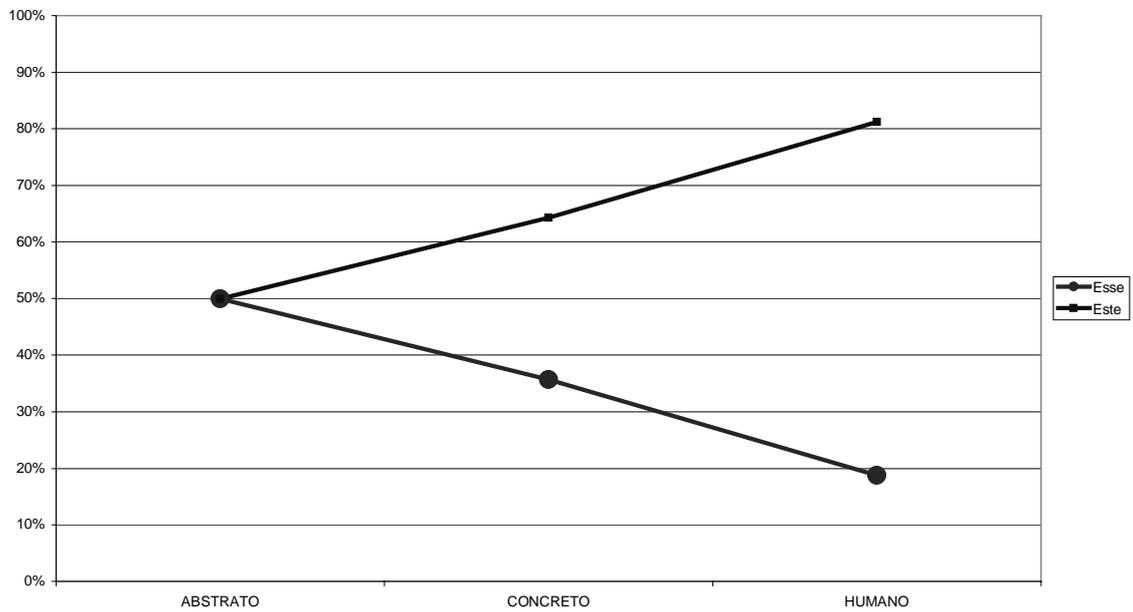
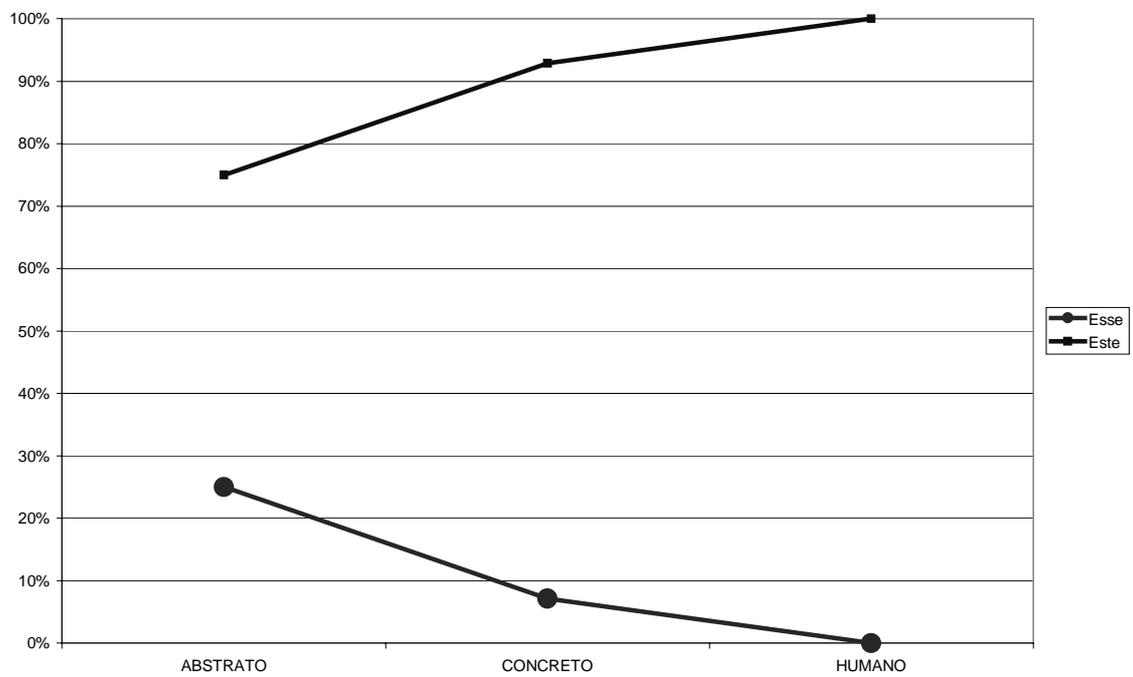


Gráfico 4: Romances traduzidos PE: Demonstrativos exofóricos na Hierarquia Referencial.



Uma questão importante na análise dos romances é a do campo de interlocução onde a referência se dá. A tabela 16 mostra que a identificação de algo que está em campo do qual o locutor não participa foi feita sempre com "esse": tanto no *corpus* do PB como no do PE, as 4 ocorrências nesse contexto se deram com o uso desse pronome. No campo do locutor, embora "este" tenha sido a forma escolhida em ambos *corpora*, os tradutores brasileiros acabam por permitir que pelo menos 2 em 36 ocorrências fossem construídas com "esse".

Tabela 16: Romances Traduzidos: Distribuição dos demonstrativos exofóricos em função do campo de interlocução.

	PB			PE		
	Campo de Locução Não Explicitado	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor	Campo de Locução Não Explicitado	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor
<b>Esse</b>	14 64%	2 6%	4 100%	0 0%	0 0%	4 100%
<b>Este</b>	8 36%	34 94%	0 0%	22 100%	36 100%	0 0%

Como podemos ver, no *corpus* português, a ancoragem espacial norteia a escolha do demonstrativo. A forma "este" de fato está reservada para o espaço do qual o locutor participa e a forma "esse" é especializada nas referências que ocorrem fora desse campo. No PB, entretanto, percebemos alguma instabilidade nesse mecanismo, o que ocorre principalmente pela invasão de "esse" em alguns usos que seriam reservados a "este", confirmando os resultados de Pavani (1987).

Além disso, os dados da tabela (16), acima, nos mostram que exatamente quando não havia qualquer pista textual sobre a distância entre o locutor e o elemento referenciado – campo de interlocução não explicitado - a divergência entre a versão brasileira e a portuguesa mais ocorreu: nessa situação há um predomínio de "esse" nas edições publicadas no Brasil, enquanto nas de Portugal mantém-se exclusivamente "este". É o que

percebemos na sentença (54a) e suas traduções brasileira (54b) e portuguesa (54c), nas quais ficamos sem saber com certeza quem está mais perto do "objeto da referência" (os Baudelaire) - o Locutor (o Conde Olaf) ou seus interlocutores (os membros de sua trupe de teatro).

(54a) *Count Olaf rubbed his hands together as if he had been holding something revolting instead of an infant. "Well, enough talk," he said. "I suppose we will eat their dinner, even though it is all wrong. Everyone, follow me to the dinner room and I will pour us some wine. Perhaps by the time these brats serve us, we will be too drunk to care if it is roast beef or not."* (SD, 49)

(54b) "O Conde Olaf esfregou as mãos uma na outra como se houvesse estado segurando algo repelente e não um bebê. "Bem, chega de conversa" disse. "Acho que vamos ter de comer o jantar deles, mesmo que tenha saído tudo errado. Venham comigo à sala de jantar que eu servirei vinho para vocês. Pode ser que quando esses pirralhos puserem a comida na mesa, já estejamos bêbados o suficiente para nem reparar se é rosbife ou não". (PB-SD, pg. 50).

(54c) "O conde Olaf esfregou as mãos como se tivesse segurando numa coisa nojenta e não num bebê.

- Basta de conversa - disse ele - Pelos vistos, temos de comer o jantar que eles prepararam, embora não seja o que devia ser. Sigam-me todos até à sala de jantar, que eu sirvo-vos vinho. Quando chegar a altura de estes fedelhos nos servirem, talvez estejamos tão bêbados, que tanto faça ser rosbife ou não". (PE-SD, pg. 48)

No exemplo citado acima, o destinatário primeiro da frase do Conde - os seus colegas de teatro - certamente tem todos os dados para construir a referência exofórica. Mas se considerarmos que num texto de ficção o leitor (e no caso o tradutor) é também um dos destinatários da mensagem produzida - mesmo que indiretamente - estamos diante de uma situação similar à dos demonstrativos nomeados por GARY-PRIEUR & NOAILLY (2003) como "insólitos", no sentido de que, no ato da leitura, não é possível a esse destinatário construir a referência exofórica imaginada pelo escritor da versão original. Se não há parâmetros que enquadrem o uso na norma, institui-se a livre escolha. E uma vez instituída,

cada um dos *corpora* optou por privilegiar uma das formas pronominais aqui estudadas: o material do PB mostrou a opção por "esse" e o de PE, por "este".

Para finalizar o estudo da função exofórica nos romances traduzidos, podemos passar ao resumo das principais conclusões das análises acima:

- 1) No uso exofórico, a forma "este" manteve uma produtividade maior que a de "esse", tanto no *corpus* do PB (onde é 64% dos casos), como - e principalmente - no *corpus* do PE, onde é (94%).
- 2) Nos dois *corpora*, o demonstrativo quando acompanhando um nome apresentou uma maior produtividade da forma predominante no uso geral: "este".
- 3) A hierarquia referencial atuou no sentido de ampliar a participação de "este" sempre que a referência é feita a elementos de uma maior carga referencial. Esse mecanismo se mostrou válido tanto para o *corpus* do PB, como do PE. Entretanto, os sistemas se diferem na abrangência do uso reservado ao demonstrativo "esse", mais utilizado pelos brasileiros.
- 4) A ancoragem espacial se mostrou ativa nos dois sistemas lingüísticos, preservando a norma do sistema tripartite. No PB, entretanto, percebemos uma certa instabilidade desse modelo nas ocorrências em que "esse" aparece em empregos que tradicionalmente seriam reservados a "este".
- 5) Por último, a divergência entre o PB e o PE ocorreu principalmente nos casos em que a relação de distância entre o locutor e o elemento por ele referenciado não era clara.

### **3.2 Considerações Finais da Análise dos *corpora* de Romances Traduzidos**

A se considerar os *corpora* de romances traduzidos poderíamos chegar à conclusão de que o sistema ternário se encontra intacto no PE, e com sua estrutura preservada no PB, ainda que aí demonstre alguma instabilidade.

Poderíamos inclusive levantar a hipótese de que no sistema brasileiro haveria uma especialização de formas em função do tipo de referência: "esse" na endofórica e "este" na exofórica.

No entanto, é preciso ter consciência de que a publicação de um romance - traduzido ou não - está sujeito a uma pressão da norma gramaticais dos manuais que pode

alterar o que seria natural para um usuário da língua. A alta incidência de "este" no PB e a ativação da ancoragem espacial podem sem dúvida ter ocorrido em função disso.

O que entendemos relevante salientar é que nos momentos em que essa pressão não pode alterar o resultado, cada língua escolhe a sua forma predileta: o PB opta por "esse", enquanto o PE faz de "este" o demonstrativo mais produtivo.

Em meio a todas essas ponderações, podemos perceber, tanto no uso exofórico como no endofórico, a atuação da hierarquia referencial: conteúdos de uma maior carga referencial aumentam a produtividade de "este", enquanto "esse" é favorecido em contextos de menor referencialidade.

Por último, a presença de um nome só não favoreceu "este" no uso endofórico, do *corpus* do PB. Nos demais usos e *corpora*, esse contexto agiu sempre favorecendo essa forma.

## **Capítulo 4 - Análise dos *corpora* de Jornais: textos escritos não ficcionais**

#### 4.1. Um segundo confronto: os sistemas demonstrativos do PB e do PE na língua escrita não-ficcional

Dada a característica do tipo de textos que compõem o *corpus* jornalístico, nos quais o uso exofórico é bastante raro, consideramos na análise que se segue apenas os demonstrativos em referência endofórica.

O *corpus* do PB foi composto de 300 ocorrências, recolhidas igualmente de artigos e reportagens da Folha de S. Paulo (FSP) e d' O Estado de S. Paulo (OESP). A Tabela 17 mostra a distribuição dos demonstrativos em cada uma das fontes que constituíram o *corpus* e confirma a preferência do brasileiro pela forma "esse", o que resultou em uma frequência final de 88% dos casos de demonstrativos analisados.

Tabela 17: Jornais PB: Distribuição Geral dos Demonstrativos por fonte.

	<b>FSP</b>	<b>OESP</b>	<b>Total</b>
<b>Esse</b>	142 95%	122 81%	264 88%
<b>Este</b>	8 5%	28 19%	36 12%
<b>Total</b>	150 100%	150 100%	300 100%

O *corpus* do PE, cujos dados aparecem na tabela 18, contém também 300 ocorrências recolhidas igualmente de cada um dos dois jornais escolhidos em nossa pesquisa - o Diário de Notícias (DN) e o Jornal de Notícias (JN) - e evidenciou um uso adverso do brasileiro: a preferência portuguesa recaiu sobre as formas de "este", que são 66% do total de ocorrências.

Tabela 18: Jornais PE: Distribuição Geral dos Demonstrativos por fonte.

	<b>DN</b>	<b>JN</b>	<b>Total</b>
<b>Esse</b>	37 25%	64 43%	101 34%
<b>Este</b>	113 75%	86 57%	199 66%
<b>Total</b>	150 100%	150 100%	300 100%

Portanto, os dados gerais colocam os dois sistemas em confronto: o PB fez clara opção pelas formas de "esse"; o PE, embora de forma não tão enfática, escolhe "este" como demonstrativo endofórico da escrita. Mas é preciso investigar mais detalhadamente os contextos que determinaram esses resultados para se confirmar se a oposição das frequências gerais demonstra de fato diferenças nos dois sistemas demonstrativos, o que faremos a seguir.

#### **4.2. Análise dos *corpora* de jornais**

Iniciamos, então, essa análise a partir do estudo da distribuição dos demonstrativos em função da combinação ou não do pronome com um nome. A tabela 19 mostra que, tanto no PB quanto no PE, há um aumento da participação do pronome "este" no total dos demonstrativos quando há a combinação "DEMONSTRATIVO + NOME": nos jornais brasileiros, essa forma atinge 31% e, embora não se torne dominante, tem a sua produtividade dobrada; no material português, atinge 79%, ampliando a sua vantagem em relação ao seu concorrente.

Tabela 19: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função da combinação (ou não) com um nome.

	PB		PE	
	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome
<b>Esse</b>	24 69%	172 90%	17 23%	65 35%
<b>Este</b>	11 31%	20 10%	58 77%	123 65%

(55) "O vigia pediu aos homens os documentos de identificação e estes sacaram pistolas e revólveres, dominando-o" (PB-OESP).

(56) "Esta decisão de reduzir o número de postos de emprego a estrangeiros é acompanhada por um sistema já utilizado noutros países, como o Sudão, a Índia, Paquistão, Bangladesh ou Egipto e que consiste num sistema de quotas para os trabalhadores estrangeiros oriundos de um só país, de modo a que estes não excedam 10% do número total de estrangeiros a residir no país" (PE-JN).

O resultado acima confirma, para o PB, a hipótese de Marine (2004) que mostrou que diacronicamente "este" resistiu mais a "esse" na função de pronome substantivo (isolado) que como pronome adjetivo (pronome + nome): até a década de 1960/1960 ainda era 65% dos casos analisados.

Outra questão que estudamos nos corpora constituídos pelos textos da imprensa escrita de Portugal e do Brasil refere-se ao impacto da adjacência entre a sentença do pronome e a do seu antecedente. Os resultados sobre isso estão consolidados nas tabela 20.

Tabela 20: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função da adjacência entre as sentenças do pronome e seu antecedente.

	PB		PE	
	Pronome e antecedente em sentenças adjacentes	Pronome e antecedente em sentenças não adjacentes	Pronome e antecedente em sentenças adjacentes	Pronome e antecedente em sentenças não adjacentes
<b>Esse</b>	9 82%	27 96%	11 39%	10 27%
<b>Este</b>	2 18%	1 4%	17 61%	27 73%

Embora a adjacência das sentenças não reverta a distribuição geral dos demonstrativos, para ambos os *corpora*, os dados da tabela 20 mostram que nesse contexto há sempre o fortalecimento da forma não predominante. Assim, no PB "este" atinge 18% dos casos - ganhando 4 pontos percentuais em relação à sua produtividade geral. No PE, a forma "esse" atinge 39%, ou seja, 8 pontos percentuais a mais que no uso geral. O fácil acesso do pronome ao antecedente parece favorecer tanto no PB como no PE, uma maior produtividade da forma não comumente utilizada. É o que podemos perceber nas sentenças (57) e (58):

(57) " Estiveram lá a atriz Thaís Araújo, a modelo Cláudia Liz, o ex-velocista Róbson Caetano, os cantores Frank Aguiar e Gilberti - estei interpretou o personagem Ezequiel, na novela Esperança, da Rede Globo. " (PB-FSP).

(58) "Dória Vilar, advogado de Carlos Silvino, também não concorda com o truncar da acusaçãoi, pois issoi impede a defesa do seu cliente" (PE-JN).

Ao contrário, quando o acesso ao antecedente é intermediado por uma sentença diferente, somente a forma predominante tem o seu uso ampliado: "esse", no PB, atinge 96% dos casos, enquanto "este", no PE, representa 73% das ocorrências. Na sentença (59) mostramos o uso de "esse" por jornal brasileiro, de forma que entre o sintagma que contém

o demonstrativo e o seu antecedente aparece a sentença estranha a essas duas partes. Na sentença (60), é a vez do *corpus* do PE evidenciar o uso mais freqüente de "este" quando o demonstrativo encontra-se separado de seu antecedente por sentença interveniente.

(59) "O Ipea calcula que 56,9 milhões<sub>i</sub> de pessoas vivam abaixo da linha da pobreza, sendo 24,7 milhões na faixa de indigência - o que significa sobreviver com menos de R\$ 2,50 ao dia. Esse total<sub>i</sub> é maior do que a população da Austrália ou do que as de Uruguai, Paraguai e Portugal juntas" (PB-OESP)

(60) "A Associação Fiapal-Fórum da Indústria Automóvel de Palmela<sub>i</sub> vai ser hoje constituída formalmente, em reunião a realizar no Salão Nobre da Câmara Municipal de Palmela, pelas 18 horas, onde será ainda aprovado o respectivo projecto de estatutos. (142) Esta nova<sub>i</sub> associação pretende vir a desenvolver iniciativas que contribuam para o desenvolvimento e dinamismo da indústria automóvel no concelho" (PE-JN).

Portanto, nas duas línguas podemos perceber a atuação do mecanismo de acessibilidade do pronome ao antecedente. Quando o acesso ao antecedente é facilitado, o demonstrativo de menor produtividade aumenta sua participação; quando esse mesmo acesso encontra "barreiras", lança-se mão do demonstrativo endofórico mais usual. Esse fato contesta a concepção de seja sempre a forma "este" que deva ser utilizado para a retomada de elementos próximos ao pronome.

Outra questão interessante diz respeito ao paralelismo de funções sintáticas entre o pronome e seu antecedente: qual o impacto desse paralelismo na distribuição de "este" e "esse" nos *corpora* estudados? A tabela 21 mostra que não há alterações significativas em relação à distribuição geral de cada um deles quando as funções sintáticas do pronome e seu antecedente são divergentes. No *corpus* do PB, o percentual de "esse" reduz de forma não significativa para 84% (contra 86% do uso geral) e o uso de "este" atinge 16% (contra 14% no uso geral); no *corpus* do PE, "este" mantém sua freqüência em 70% (69% é a sua produtividade no uso geral), contra 30% de "esse" (o qual no uso geral representa 31% dos casos).

Tabela 21: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função da comparação das funções sintáticas do antecedente e o pronome.

	PB		PE	
	Funções sintáticas idênticas	Funções sintáticas diferentes	Funções sintática idênticas	Funções sintáticas diferentes
<b>Esse</b>	36 92%	97 84%	21 32%	42 30%
<b>Este</b>	3 8%	19 16%	44 68%	96 70%

O PB fortalece o uso de "esse" - a forma já predominante no uso geral - especialmente quando as funções sintáticas do pronome e do seu antecedente são idênticas, fazendo seu uso em 92% dos casos. Já a participação de "este" aumenta quando o demonstrativo e o seu antecedente desempenham funções diferentes. Isso ocorre em sentenças como (61), onde demonstrativo tem função de sujeito e seu antecedente é complemento do verbo pedir.

(61) "O vigia pediu aos homens ; os documentos de identificação e estes ; sacaram pistolas e revólveres, dominando-o" (PB-OESP).

Vejamos agora como se portam os corpora de PB e PE em função dos traços de referencialidade, iniciando pelo traço [referencial]. No PB, conforme mostra a tabela 22, independentemente do sinal desse traço, a forma "esse" é hegemônica. Porém, é preciso notar que a referência a elemento com traço de sinal negativo amplia o percentual de uso, atingindo 92% dos casos, em sentenças como a do exemplo (62). O traço [+referencial] favorece a preservação do uso de "este", que atinge nesse contexto 13% das ocorrências, semelhantes à sentença (63).

(62) "Assim, se apenas dois escritórios são classificados e oferecem R\$ 220 e R\$ 180 por processo, os dois terão a nota máxima: 100 pontos. Isso porque o "preço médio" será de R\$

225 -a média entre o preço oferecido pela Artesp (R\$ 250) e a média dos preços dos concorrentes (R\$ 200)" (PB, FSP).

(63) "A pensão vitalícia também pode ser estendida a irmãs solteiras, viúvas, desquitadas ou divorciadas de magistrados, quando (219) estes não têm descendentes diretos (mulher e filhos)" (PB, OESP).

Tabela 22: Jornais - Distribuição dos demonstrativos em função do traço [Referencial].

	PB		PE	
	[-Referencial]	[+Referencial]	[-Referencial]	[+Referencial]
<b>Esse</b>	71 92%	193 87%	26 72%	75 28%
<b>Este</b>	6 8%	30 13%	10 28%	189 72%

Esse favorecimento de "esse" nos contextos marcados pelo [-referencial] também se faz presente no PE, causando uma inversão na distribuição obtida no resultado geral. Como podemos ver na tabela 22, acima, as formas de "esse" passam a ser 72% dos casos, como é o caso do emprego de "isso" no exemplo (64). Já nas ocorrências marcadas pelo sinal positivo, as formas de "este" ampliam a sua produtividade e representam 72% das ocorrências, como ocorre no exemplo (65).

(64) "Admitindo que ocupam tarefas menos qualificadas (e nem sempre condizentes com as suas habilitações...), estimemos que auferem, em média, 80 contos (400 euros): mesmo isentos de IRS renderiam ao Estado, cada um, 139 euros (taxa social única de 11% para o trabalhador e 23,75%, para a empresa). Isso significa que todos os anos, e por muito mal pagos que fossem, esses 20 mil ainda ilegais representariam uma receita de 2 780 mil euros por ano" (PE, JN).

(65)"O secretário-geral da ONU colocou a decisão em processo «de silêncio», o que significa que, se até à próxima segunda-feira, nenhum país levantar objecções às propostas norte-americanas, estas serão aceites" (PE, DN).

Podemos concluir que, em ambos os sistemas lingüísticos, a presença do traço [-referencial] amplia o uso das formas de "esse", enquanto o traço [+referencial] está associado ao aumento do uso de "este".

Essa tendência aparece também na análise do traço [concreto], como podemos perceber na tabela 23.

Tabela 23: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função do traço [concreto].

	PB		PE	
	[-Concreto]	[+Concreto]	[-Concreto]	[+Concreto]
<b>Esse</b>	155 91%	38 73%	55 32%	20 21%
<b>Este</b>	16 9%	14 27%	115 68%	74 79%

Como se pode perceber na tabela acima, no PB, os contextos marcados pelo traço [-concreto] mantêm o uso da forma "esse" em 91 % das ocorrências, como o exemplo (66). O contexto marcado pelo sinal positivo nesse traço, por sua vez, aumenta a resistência de "este", o qual passa a responder por 27% dos usos, um dos quais transcrevemos no exemplo (67).

(66) "O secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, disse ontem que os Estados em dificuldades vão ter de passar por ajustes, mas não quis adiantar se o governo vai exigir esse esforço extra em troca das ajudas financeiras que estão sendo negociadas." (PB, FSP).

(67) "Na sua última reunião, a atual mesa deixou duas sugestões para que o futuro presidente da Câmara aumente a verba de gabinete. A primeira propõe um aumento de R\$ 25 mil para R\$ 35 mil. A outra, que tem apoio do PT, daria um reajuste de 20%, elevando-a para R\$ 30 mil. Esta verba é usada para os deputados contratarem até 18 funcionários, com salários de R\$ 200 a R\$ 5.150" (PB, OESP).

Para o PE, os dados da tabela 23, acima, nos mostram uma leve intensificação do da participação de "esse" nos contextos com o traço [-concreto] (vide exemplo (68)), onde atinge 32% das ocorrências, enquanto há aumento da hegemonia da forma "este" naquelas sentenças como a do exemplo (69), marcadas pelo traço [+concreto], quando atinge 79% de frequência.

(68) " E se, por vezes, o utente pode voltar a encontrar um médico que já o atendeu antes – uma vez que cada clínico tem normalmente um dia específico em que realiza a consulta de recurso –, essa não é a regra para a maioria dos 1005101 portugueses sem médico de família, segundo o Ministério da Saúde" (PE, JN).

(69) "A busca de destroços deve prosseguir por vários dias, uma vez que estes se encontram espalhados por uma área de várias centenas de quilómetros. Nem sempre são fáceis, uma vez que o terreno é 'acidentado e com muita água', segundo um responsável local para as situações de emergência" (PE, DN)

Finalmente, passamos a analisar o efeito do traço [humano] na distribuição entre "este" e "esse" do PB e do PE. Esse efeito está expresso na tabela 24, que em linhas gerais, confirma a relação entre o maior grau de referencialidade e o uso de "este".

Tabela 24: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função do traço [humano].

	PB		PE	
	[-Humano]	[+Humano]	[-Humano]	[+Humano]
<b>Esse</b>	178 90%	15 60%	71 31%	4 12%
<b>Este</b>	20 10%	10 40%	159 69%	30 88%

Como podemos ver, na presença do sinal negativo para o traço [humano], o *corpus* do PB evidencia a manutenção da hegemonia das formas de "esse", com 90% das ocorrências - como a que transcrevemos em (70). O traço [+humano], por seu turno, faz

com que os brasileiros passem a usar relativamente mais as formas de "este", que passam a ocorrer em 40% dos casos - um dos quais exemplificamos em (71).

(70) "Segundo dados da Câmara, em 2002 foram gastos R\$ 89.257,57 na manutenção dos 55 veículos de vereadores. Juntos, esses carros consumiram 162,7 mil litros de combustível" (PB, OESP).

(71) "Se esse aposentado tiver sido casado antes, pagar pensão alimentícia para a ex-mulher e esta falecer, sua morte não significa uma diminuição de despesa para o sistema previdenciário" (PB, OESP).

A tabela 24, acima, ainda mostra que, no *corpus* de PE escrito, o traço [+humano] atua ampliando a produtividade da forma "este" em uso endofórico - em sentenças como a que temos em (72). A presença do sinal negativo para esse traço aumenta a frequência da forma "esse" para 31% dos casos (vide exemplo (73)).

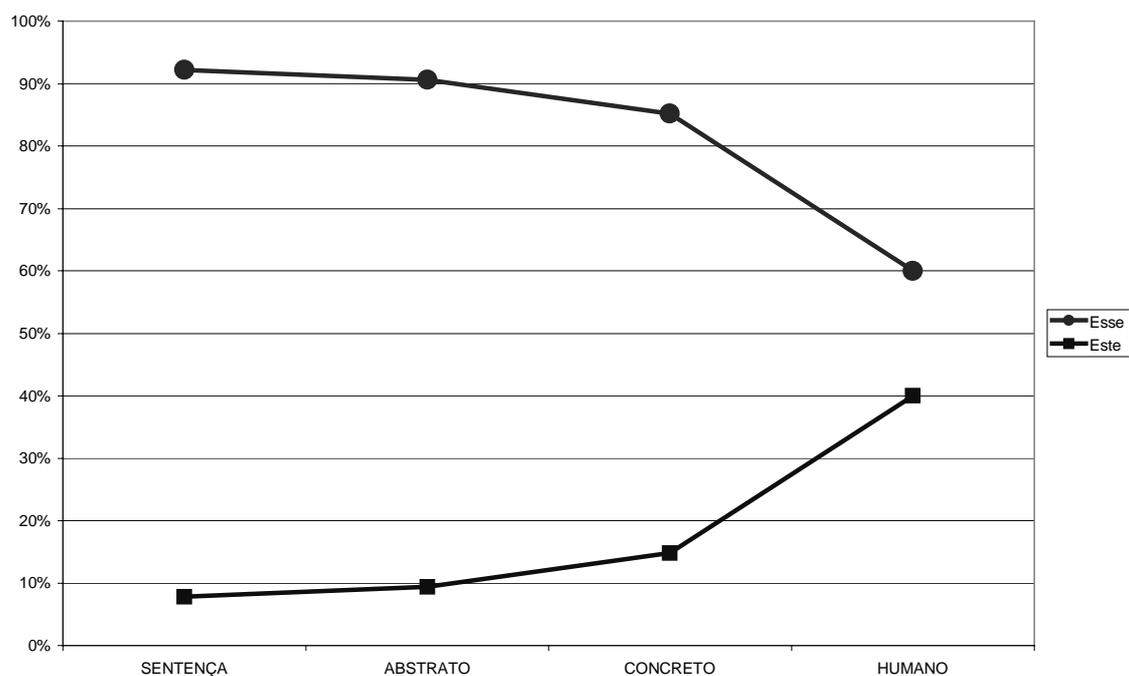
(72) "Em caso de procedimento criminal contra algum deputado, a AR decidiria se este devia ou não suspender funções para submeter-se a julgamento, independentemente da moldura penal em causa" (PE, DN)

(73) "Quem não estiver informado, olhando para um refinado com 0,1%, pode parecer-lhe que esse azeite até é melhor que qualquer um extra-virgem com 0,7%" (PE, JN)

Com a distribuição dos demonstrativos na linha da hierarquia referencial podemos estudar melhor a relação que identificamos no estudo do efeito de cada um dos traços de referencialidade na escolha do pronome a ser utilizado: no uso endofórico escrito, seja no PB ou no PE, o maior conteúdo referencial parece provocar um aumento da produtividade da forma "este", enquanto o menor conteúdo aumenta a frequência das formas de "esse". Assim, tanto no gráfico 5 (do PB) como no 6 (do PE), vemos que à medida que caminhamos para a direita no eixo da hierarquia referencial, a curva de "este" passa a ter uma inclinação positiva, enquanto a de "esse", uma inclinação negativa. E se excluirmos as

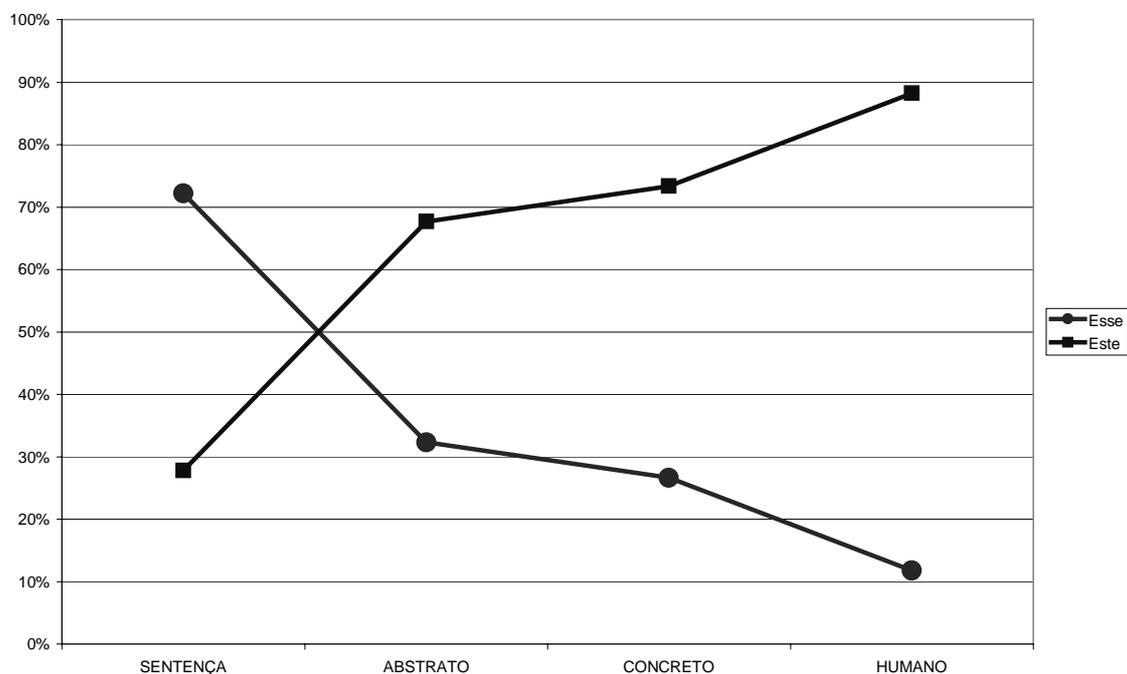
"sentenças", a semelhança entre os dois sistemas se tornaria ainda mais precisa já que as curvas passariam a ter o mesmo desenho<sup>14</sup>.

Gráfico 5: Jornais PB - Demonstrativos na Hierarquia Referencial.



<sup>14</sup> Nos gráficos 5 e 6 não lançamos mão das linhas de tendência linear, já que o impacto da hierarquia referencial aparece de forma clara com as curvas de frequência dos demonstrativos.

Gráfico 6: Jornais PE - Demonstrativos na Hierarquia Referencial.



Mas a semelhança entre os dois sistemas demonstrativos termina por aí. No PB a partícula "esse" é predominante, qualquer que seja o ponto escolhido no eixo da hierarquia referencial. No PE, a partir do ponto "abstrato" o pronome "este" mantém o seu domínio.

Para finalizar, vejamos o impacto do tipo de referência endofórica, se catáfora ou anáfora, na distribuição de "este" e "esse". É o que vemos na tabela 25, a seguir:

Tabela 25: Jornais: Distribuição dos demonstrativos em função do Tipo de Referência Endofórica.

	PB		PE	
	Anáfora	Catáfora	Anáfora	Catáfora
<b>Esse</b>	263 88%	1 100%	100 33%	1 100%
<b>Este</b>	36 12%	0%	199 67%	0%

Os resultados acima nos permitem afirmar com toda certeza que na anáfora cada sistema faz uma opção por uma das partículas demonstrativas: "esse" no PB é 88% dos casos - um dos quais exemplificamos em (74) e "este" no PE atinge 66% das ocorrências - vide exemplo (75). Isso confirma o que encontramos também nos *corpora* de romances traduzidos: nos textos escritos, marcados por um maior controle dos manuais de gramática, sempre que a norma permite - e na anáfora há essa permissão - o PB escolhe a forma "esse" como sua forma demonstrativa, enquanto o PE prefere a forma "este".

(74) "Temos projetos a curto e médio prazo, não a longo. Vai ser a curto prazo, porque isso pode ocorrer se há vontade política, e o governo tem essa vontade. " (PB, FSP).

(75) "Carlos César, chefe do Governo Regional, em carta dirigida ao ministro da Defesa, exigiu que, a ocorrer a vacinação, esta deveria ser feita fora da região e todos os militares que fossem sujeitos à vacina deveriam permanecer três semanas de quarentena antes de entrarem nos Açores" (PE, JN).

A despeito da baixíssima produtividade da catáfora neste tipo de texto, uma constatação nos chamou a atenção: tanto no *corpus* de PB como no de PE, a única ocorrência desse uso (ver exemplo (76) e (77)) se deu com a forma "esse", ou seja, contrastando com o que é prescrito pelos manuais de gramática.

(76)"A idéia de trabalhar num lugar (o ministério) recebendo salário de outro (o Parlamento) ofende a lógica. Entre receber mais ou receber menos, preferiram receber mais. Fizeram-no no exercício de seu direito? Sem dúvida. Esse é o problema da Viúva. Sempre que lhe metem a mão na Bolsa, seja em nome da banca quebrada, dos usineiros falidos ou dos parlamentares atraídos para o ministério, ela perde" (PB, FSP).

(77)"Quando tudo parece perdido, encontre aqui um sinal de vida'. Este é o lema da campanha com outdoors que arranca esta semana com imagens de mulheres. O objectivo é esse mesmo: fazer com que se olhe para o problema da sida no feminino. Há mais mulheres infectadas e a tendência é para aumentar" (PE, DN).

### 4.3. Considerações Finais da Análise dos *corpora* de jornais brasileiros e portugueses

Os *corpora* estudados nesta seção, por possuírem caráter escrito e por serem produtos da indústria editorial, foram alvos de um rígido controle gramatical por parte dos revisores. Apesar dessa pressão, cada *corpus* optou predominantemente por uma das formas demonstrativas aqui estudadas. Assim o PB escolheu "esse" e o PE optou por "este".

O demonstrativo quando não é acompanhado por um nome permite o aumento de produtividade da forma "este". Esse fato é notado tanto no material brasileiro como no português. No *corpus* de PB, isso não chega a inverter a distribuição mais geral, mas esse contexto permite uma maior resistência da forma "este".

O acesso do pronome ao antecedente parece ter, de fato, algum efeito sobre a escolha do demonstrativo, em processo semelhante ao que ocorre na distribuição entre sujeitos plenos e nulos (Barbosa, Kato & Duarte, no prelo). Quando o acesso encontra uma barreira de uma sentença, cada um dos sistemas lingüísticos aqui estudados mostrou optar pelo demonstrativo de uso mais freqüente no uso geral, ou seja, o mais comum. Se o acesso é feito sem dificuldades a forma menos produtiva pode ser mais empregada. Esse fato contesta a hipótese de que a forma "este" deva ser a única empregada para a retomada de elementos próximos ao pronome.

Não há alterações significativas na distribuição de "este" e "esse" - em relação ao uso geral - se antecedente e pronome possuem funções sintáticas diferentes. Entretanto, os textos brasileiros mostraram que quando ambos possuem funções idênticas há um certo favorecimento de "esse".

Os dados confirmaram também as relações entre a hierarquia referencial e a escolha dos demonstrativos. Quando há a presença de cargas mais elevadas de referencialidade, há, tanto no PB como no PE, um favorecimento da forma "este". Pontos mais à esquerda da escala favorecem o aumento do emprego de "esse".

Por último, a maior parte das ocorrências se deu em anáfora - o que, aliás, poderia explicar a possibilidade da especialização de cada um dos sistemas em uma das formas demonstrativas. A única ocorrência de catáfora em ambos os *corpora* não se deu com "este", mas com "esse".

## **Capítulo 5. Análise dos Filmes: os demonstrativos na oralidade**

### 5.1. O último confronto entre o PB e o PE: simulando a oralidade

Analisamos 191 ocorrências de demonstrativos recolhidas dos filmes que constituíram o *corpus* de PE e 222, dos filmes do *corpus* de PB. Ao final, obtivemos a seguinte distribuição entre "este" e "esse":

Tabela 26: Filmes: Distribuição Geral dos Demonstrativos nos corpora de PB e PE.

	PB	PE
Esse	213 96%	72 38%
Este	9 4%	119 62%

Como podemos ver na tabela 26, o uso geral da oralidade implicaria num uso massivo de "esse" no PB, que atinge 96%, o que reserva a "este" um papel meramente residual. Já no PE, "este" seria utilizado mais intensamente (com 62% dos empregos realizados), mas haveria uma distribuição mais equivalente entre essa forma e "esse". Esses dados podem ser indício de que o sistema ternário esteja em atividade em Portugal, o que contrasta com o quadro encontrado na oralidade brasileira.

Para verificar essa hipótese, faremos, na tabela 27, novamente a distribuição das ocorrências segundo o tipo de referência, se exofórica ou endofórica.

Tabela 27: Filmes: Distribuição dos demonstrativos por Tipo de Referência.

	PB		PE	
	Uso Endofórico	Uso Exofórico	Uso Endofórico	Uso Exofórico
Esse	71 97%	142 95%	47 72%	25 20%
Este	2 3%	7 5%	18 28%	101 80%

A tabela 27 nos mostra que para o *corpus* constituído por filmes brasileiros, independentemente do tipo de referência, há a preferência do brasileiro pela forma "esse", reservando a “este” uma condição meramente residual (nunca superior a marca dos 5%). Essa condição implica na não sustentação da tese de especialização de formas, defendida por Marine (2004), uma vez que o PB oral substitui nos dois contextos a forma "este" por "esse".

Já o PE oral, como vimos na tabela 27, nas referências endofóricas, favoreceu a forma "esse", com 72%, enquanto, no uso exofórico, optou por "este" em 80% dos usos que fez. Aqui sim poderíamos pressupor uma especialização de formas em função do tipo de referência. Com índices de frequência robustos, cada um dos demonstrativos se mostra especializado em um dos dois tipos de referência. Isso nos leva a afirmar que o quadro descrito por Marine (2004) está mais próximo do PE que do PB oral.

## 5.2 O PB e o PE no uso oral e endofórico

Começamos a análise investigando a questão do impacto da presença de um nome acompanhando o demonstrativo na distribuição de "este" e "esse", em uso endofórico. É o que podemos ver a partir da tabela 28, a seguir.

Tabela 28: Filmes: Distribuição dos demonstrativos endofóricos em função da combinação (ou não) com um nome.

	PB		PE	
	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome
<b>Esse</b>	0 0%	35 95%	7 54%	10 63%
<b>Este</b>	0 0%	2 5%	6 46%	6 38%

Como se pode perceber, não encontramos no PB a ocorrência de sintagmas formados única e exclusivamente pelo demonstrativo, o que nos impede de confirmar a

hipótese da melhor produtividade da forma "este" nesse contexto. No material do PE, o demonstrativo "este" isolado é 46% dos casos, diminuindo a diferença em relação a "esse" verificada na distribuição geral dos casos endofóricos. Se isso é verdade, poderíamos sustentar que, no PE, esse contexto favorece uma melhor produtividade de "este" também na oralidade. A sentença (78) exemplifica esse uso.

(78) "- Tudo consiste na perfeita adstringência entre a bola e a boca da bolacha de modo que esta não se esborrache." (PE - Comédia de Deus)

Passemos, então, à análise do efeito dos traços de referencialidade na distribuição dos demonstrativos em uso endofórico e oral. O primeiro que analisaremos é o [referencial], cujos resultados aparecem na tabela 29.

Tabela 29: Filmes: Demonstrativos em Uso Endofórico em função do traço [referencial].

	PB		PE	
	[-Referencial]	[+Referencial]	[-Referencial]	[+Referencial]
<b>Esse</b>	31 100%	40 95%	27 79%	19 61%
<b>Este</b>	0% 0	5% 2	21% 7	39% 12

Os *corpora* do PB e do PE assemelham-se no uso predominante de "esse", tanto na referência a elementos de traço [+referencial] quanto aos de traço [-referencial]. Também coincidem no fato de que o contexto em que "este" mais aumenta sua participação no total de demonstrativos (com 39% dos usos no PE e com 5% no PB) tem a presença de referente marcado pelo sinal positivo nesse traço, como mostram as sentenças (79) e (80). A distinção entre os dois sistemas reside no fato de que no *corpus* brasileiro o uso "esse" é categórico nas referências a sentenças, enquanto no português "este" aparece em 21 % dos casos.

(79) "Não estou gostando nada desta história viu! Não estou gostando nada desta história de você ficar o dia inteiro trancado deste quarto com se eu não existisse" (PB, Terra Estrangeira)

(80) " - Hoje confesso que estou apaixonado por uma estrangeira linda, mas que teve de partir para a cidade onde nasceu, Santiago. Após o primeiro momento musical eu conto esta História" (PE, Capitães de Abril).

A análise da presença do traço [concreto], expresso na tabela 30, não permite sustentar, para o *corpus* do PB a relação entre o maior conteúdo de referencialidade e a forma "este": a residualidade dessa forma é tamanha que nos restam apenas 2 ocorrências distribuídas igualmente entre o traço [-concreto] e [+concreto]. Já nos dados do PE, a hegemonia da forma "esse" permanece de forma incontestável apenas com o traço [-concreto], mantendo uma frequência de 69%; o traço [+concreto] praticamente equipara a produtividade dos dois demonstrativos, e portanto, sua presença amplia a participação de "este" no uso do falante. O exemplo (81), retirado dos filmes brasileiros e o (82), retirado do material português, mostram o uso de "este" na presença do traço [+concreto].

Tabela 30: Filmes: - Demonstrativos em Uso Endofórico em função do Traço [concreto].

	PB		PE	
	[-Concreto]	[+Concreto]	[-Concreto]	[+Concreto]
<b>Esse</b>	15 94%	25 96%	11 69%	8 53%
<b>Este</b>	1 6%	1 4%	5 31%	7 47%

(81)

" - Eu acho melhor a gente dar o dinheiro pra ele.

- Não! Ele vai gastar tudo! Vai acabar sendo preso e te entregando!

- Não. Mas eu não tô falando o dinheiro do assalto. Eu tô falando o dinheiro do prêmio.

(...)

- Este dinheiro é teu, André!" (PB, O homem que copiava).

(82) ""E rezou e chorou sobre o ramo, até este se transformar numa árvore" (PE, Último Mergulho).

O último traço de referencialidade que analisamos é o [humano], cujos resultados estão expressos na tabela 31. Como podemos ver no material brasileiro, a residualidade de "este" implicou na ausência de ocorrências dessa forma em contexto em que esse traço tem sinal positivo. Já para o *corpus* representante do PE, o traço [+humano] favoreceu novamente uma distribuição mais equitativa entre os dois demonstrativos, permitindo que "este", mesmo sem se tornar predominante, atingisse 43% das ocorrências, com no exemplo (83). Ou seja, se no PE endofórico oral, o maior conteúdo de referencialidade melhora a performance de "este" frente ao hegemônico uso de "esse", sua situação residual no PB não confirma essa relação.

Tabela 31: Filmes: - Demonstrativos em Uso Endofórico em função do Traço [concreto].

	PB		PE	
	[-Humano]	[+Humano]	[-Humano]	[+Humano]
<b>Esse</b>	32 94%	8 100%	15 63%	4 57%
<b>Este</b>	2 6%	0 0%	9 38%	3 43%

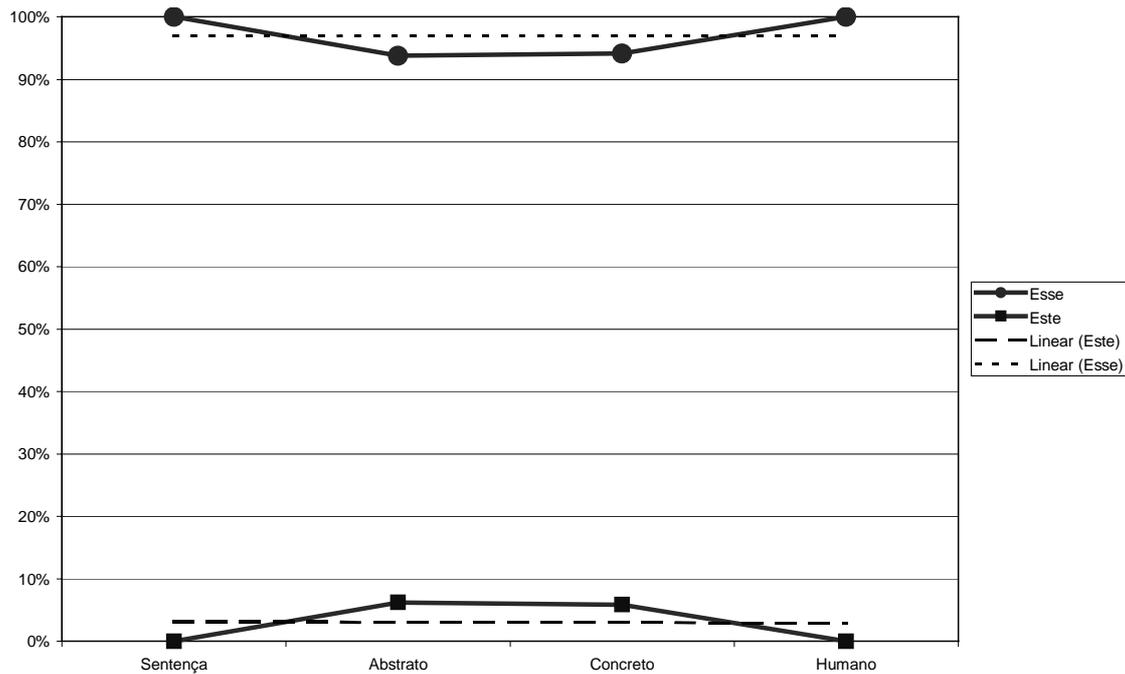
A sentença abaixo exemplifica para o PE, o uso de "este" em contexto marcado pelo traço [+humano].

(83) "Mas os turras de lá, e os que cá são torturados, estudantes, proletariado, camponeses, estes não desobedecem. Resistem."

Podemos passar à avaliação da hierarquia referencial para avaliar esses fatos graficamente. O gráfico 7 mostra que não há como estabelecer qualquer relação entre essa hierarquia e a distribuição dos demonstrativos no PB oral em uso endofórico. É o que fica evidente quando se percebe que a linha de tendência linear das curvas dos dois

demonstrativos não apresenta qualquer inclinação significativa (positiva ou negativamente). Isso decorre da situação de residualidade de "este" e massificação do uso de "esse", o qual será utilizado quase categoricamente pelo brasileiro.

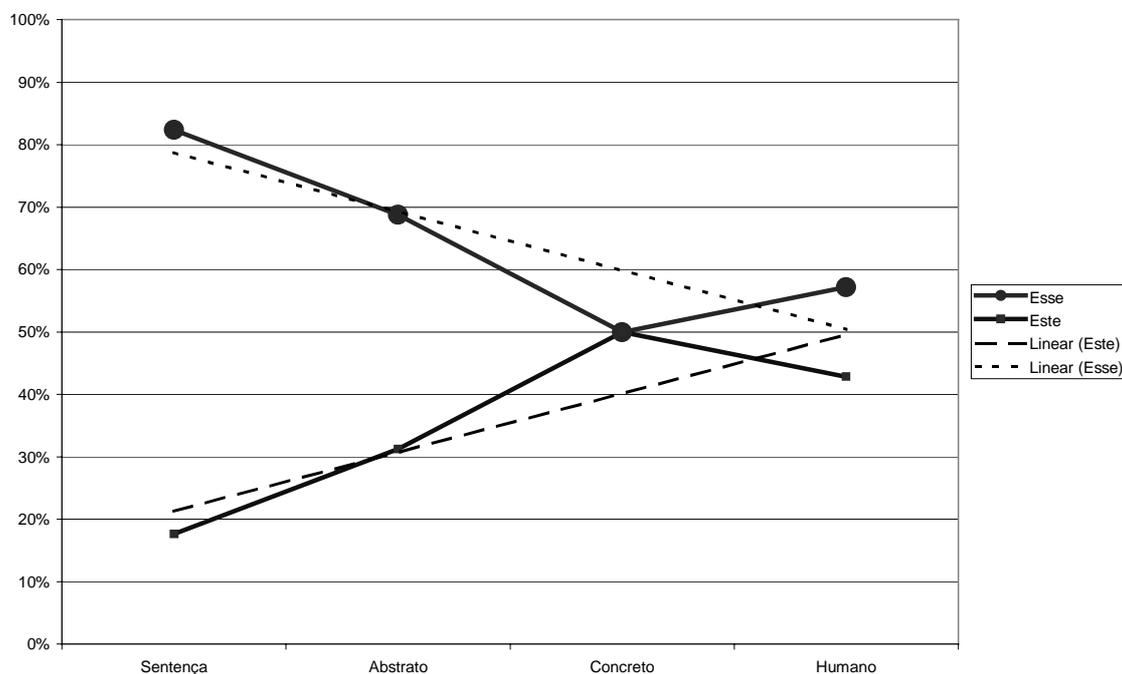
Gráfico 7: Filmes PB: Demonstrativos em Uso Endofórico na Hierarquia Referencial.



O gráfico 8, construído a partir do *corpus* de filmes portugueses mostra o impacto da hierarquia referencial na escolha do demonstrativo nas referências endofóricas orais do PE: a inclinação positiva da linha de tendência obtida a partir da curva de "este" evidencia o favorecimento do seu uso na referência a elementos marcados por uma maior referencialidade<sup>15</sup>, enquanto a inclinação negativa da linha de tendência obtida da curva de "esse" confirma a relação inversa.

<sup>15</sup> O gráfico 8 mostra uma redução de "este" do ponto "concreto" para o "humano" que contradiz a relação entre o seu uso e a maior carga de referencialidade. Mas essa redução atinge apenas sete pontos percentuais.

Gráfico 8: Filmes PE: Demonstrativos em Uso Endofórico na Hierarquia Referencial.



A última questão que analisaremos diz respeito a saber se o PE e o PB orais estão ancorados na noção de campo de interlocução para a escolha do demonstrativo nas referências endofóricas. Para o *corpus* do PB a resposta é não. Como podemos ver na tabela 32, as referências que encontramos no material brasileiro se deram de maneira que "esse" é o demonstrativo escolhido para aquilo que é dito pelo locutor e pelo interlocutor .

Tabela 32: Filmes - Demonstrativos em Uso Endofórico por campo de interlocução.

	PB		PE	
	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor
<b>Esse</b>	83 92%	59 100%	17 49%	30 100%
<b>Este</b>	7 8%	0 0%	18 51%	0 0%

O fato de não haver qualquer ocorrência de "este" para as referências feitas sem a participação do locutor confirma, mais uma vez, a tese de Pavani (1987) de que não há no PB uma intercambialidade entre "este" e "esse". A primeira forma cedeu espaço para a forma que hoje é hegemônica na oralidade brasileira.

Os dados do PB contrastam com o comportamento do *corpus* de PE, cujos dados também estão expressos na tabela 32, acima. Nenhuma referência foi realizada com "este" para menções ocorridas fora do âmbito do locutor. Quando a referência é feita dentro do campo do locutor, optou-se de forma praticamente igual pelas duas formas demonstrativas (49% das ocorrências foram feitas com "esse" e 51%, com "este"). Em outras palavras, o PE oral adere à ancoragem ao campo de interlocução para escolher o demonstrativo.

Finalmente é preciso checar se há alguma relação entre a distribuição de "este" e "esse" e o tipo de referência endofórica escolhido, se anáfora ou catáfora. A tabela 33 mostra essa questão para os dois *corpora* aqui analisados.

Tabela 33: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função do tipo de Referência Endofórica.

	PB		PE	
	Anáfora	Catáfora	Anáfora	Catáfora
<b>Esse</b>	68 99%	3 75%	43 73%	3 50%
<b>Este</b>	1 1%	1 25%	16 27%	3 50%

Uma primeira observação que se poderia fazer diz respeito à raridade com que as catáforas aparecem na oralidade, tanto do PB como do PE. Tendo isso em mente, pode-se perceber que a catáfora, anunciada nos manuais de gramática como sendo marcada pela especialização de "este", aceita também "esse" tanto na oralidade brasileira como na portuguesa. No Brasil, aliás essa obrigação esbarra na residualidade da forma "este".

As sentenças (84) e (85) exemplificam, no caso do material brasileiro, o uso da catáfora com ambos os demonstrativos. Em (86) e (87) esse mesmo contraste aparece, agora para o PE.

(84) "Pobreza é isso: ou destino ou burrice." (PB: O homem que copiava)

(85) "Não estou gostando nada desta história viu! Não estou gostando nada desta história de você ficar o dia inteiro trancado deste quarto com se eu não existisse."

(86) "Foda-se, pah. Não foi pra isso que fiz a Academia Militar: a ser como um PIDE (PE: Capitães de Abril)"<sup>16</sup>.

(87) "E a paga foi esta: esgarçou o cu da minha melhor empregada" (PE: A Comédia de Deus).

Com essa última análise podemos passar ao resumo de nossos achados na análise da presente seção<sup>17</sup>:

1) No uso endofórico oral, encontramos de uma maneira geral o predomínio de "esse", tanto para o PB como para o PE. A produtividade de "este" no PB é apenas residual.

2) A questão da relação entre uma melhor produtividade de "este" quando o demonstrativo não acompanha um nome pôde ser checada e confirmada para o PE. No PB, isso não pôde ser analisado já que só encontramos dados de demonstrativo associado a um nome.

3) Quanto ao impacto da hierarquia referencial, confirmamos no PE a relação entre o aumento da participação percentual de "este" e a referência a elementos de maior carga referencial. No PB, a hierarquia não se mostrou saliente, dada a massificação do uso de "esse".

4) A questão do campo de interlocução mostrou-se ativa no PE, que mantém ainda o emprego de "este" nas referências no âmbito do locutor e o de "esse" para aquelas em que este não participa. No PB, independente do campo, "esse" é o escolhido.

5) A catáfora não obriga ao uso de "este" seja na oralidade brasileira, seja na portuguesa. O uso de "esse" nesse caso invade o emprego tradicional de "este".

---

<sup>16</sup> A PIDE era a polícia política do governo Salazar, deposto pela Revolução dos Cravos.

<sup>17</sup> Outras questões como o paralelismo de funções sintáticas entre o pronome e seu antecedente e a adjacência das sentenças em que estão inseridos não foram testadas no material de filmes já que a referência em uma situação de diálogo poderia interferir no resultado.

### 5.3 O PB e o PE no uso oral e exofórico

Apenas para lembrar, recolhemos no *corpus* de PB constituído por filmes cerca de 149 ocorrências exofóricas, enquanto o *corpus* do PE nos forneceu 126 ocorrências. Como dado geral, a oposição fica evidente: 95% dos usos brasileiros se deram com "esse", enquanto 80% dos usos portugueses se deram com "este". Passemos, então, a investigar os contextos que influenciaram esse resultado.

A primeira questão que analisamos foi a presença ou não de um nome acompanhando o demonstrativo. Os dados da tabela abaixo resumem os resultados para os *corpora* constituídos de filmes, nas ocorrências cuja referência é exofórica.

Tabela 34: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função do tipo de Referência Exofórica.

	PB		PE	
	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome	Demonstrativo isolado	Demonstrativo + Nome
<b>Esse</b>	36 95%	71 96%	6 17%	17 26%
<b>Este</b>	2 5%	3 4%	30 83%	49 74%

Como podemos ver acima, apenas o *corpus* do PE confirma a relação que encontramos em outros tipos de *corpora* quanto ao favorecimento de "este" quando o demonstrativo aparece isolado: sua produtividade nesse contexto atinge 83%. Já no PB, esse critério não teve qualquer efeito: estando o demonstrativo acompanhado ou não de um nome, "este" nunca supera a frequência de 5% dos usos.

A sentença (88), abaixo, exemplifica para o PE o emprego de "este" de forma isolada:

(88) "- Este não passa de amanhã.? [comentário de uma enfermeira ao lado de João de Deus que agonizava na cama]" (PE- A Comédia de Deus).

Passemos, agora, a olhar os traços que marcam a referencialidade dos elementos mostrados através do emprego dos demonstrativos. A tabela 35, a seguir, traz elementos para iniciar a discussão dessa questão, mostrando a distribuição em função do traço [concreto].

Tabela 35: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em do traço [concreto].

	PB		PE	
	[-Concreto]	[+Concreto]	[-Concreto]	[+Concreto]
<b>Esse</b>	10 91%	132 96%	4 17%	18 21%
<b>Este</b>	1 9%	6 4%	20 83%	66 79%

O traço [concreto] não altera a oposição entre a escolha do uso predominante de "esse" no PB e de "este" no PE. Os dados da tabela acima sugerem também que o PB e o PE orais, nas referências exofóricas, concordam no fato de que a presença do traço [-concreto] é o contexto em que "este" pode ampliar sua participação percentual no total dos demonstrativos (atingindo 9% das ocorrências no PB e 83%, no PE), o que é exemplificado em (89) e (90). Isso contradiz a relação, observada em *corpora* antes analisados, entre essa forma pronominal e o maior conteúdo referencial.

(89) "Isso aqui não é antiguidade nada. Isso é uma caixinha aqui ó como outra qualquer" (PB, O Homem que Copiava).

(90) "Tens muita garganta com essa merda [um canivete] na mão." (PE, Comédia de Deus)

Por sua vez, o traço [humano], também não confirma o impacto da hierarquia referencial na escolha do demonstrativo, ao menos da maneira que identificamos em outros *corpora*. Como podemos ver na tabela 36, no PB, esse traço não tem qualquer efeito ("esse"

mantém, nos dois contextos, a produtividade de 95%, em ocorrências como a (91) e a (92)), enquanto, no PE, há um aumento da frequência de "esse" (e não de "este") justamente na presença do sinal positivo, em sentenças como (93).

Tabela 36: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em do traço [humano].

	PB		PE	
	[-Humano]	[+Humano]	[-Humano]	[+Humano]
<b>Esse</b>	103 95%	39 95%	11 11%	11 39%
<b>Este</b>	5 5%	2 5%	87 89%	17 61%

(91) "Prazer, essa aqui é Maria Inês, minha noiva" (PB, O Homem que Copiava)

(92) "Alex, abre essa porta." [Paco ao forçar a entrada pela porta de uma livraria], (PB, Terra Estrangeira).

(93) "Mas com essas putas tu estás todas as noites." [Esposa grita de sua cama para o seu marido, o Sr. Elói], (PE, O Último Mergulho).

O resumo do que encontramos ao analisar o efeito individual dos traços de referencialidade na distribuição dos demonstrativos pode ser observado nos gráficos 9 e 10 a seguir. Tanto no PB como no PE, a inclinação das linhas de tendência linear, obtidas a partir das curvas de cada um dos demonstrativos, desmentem a relação entre o maior conteúdo de referencialidade e o aumento do uso de "este", já que "esse" é a forma que aparece favorecida pelo maior conteúdo de referencialidade. A diferença entre os dois sistemas é percebida inclinação das linhas de tendência, que no PB se mostra bem mais suave.

Gráfico 9: Filmes PB - Demonstrativos em Uso Exofórico na Hierarquia Referencial.

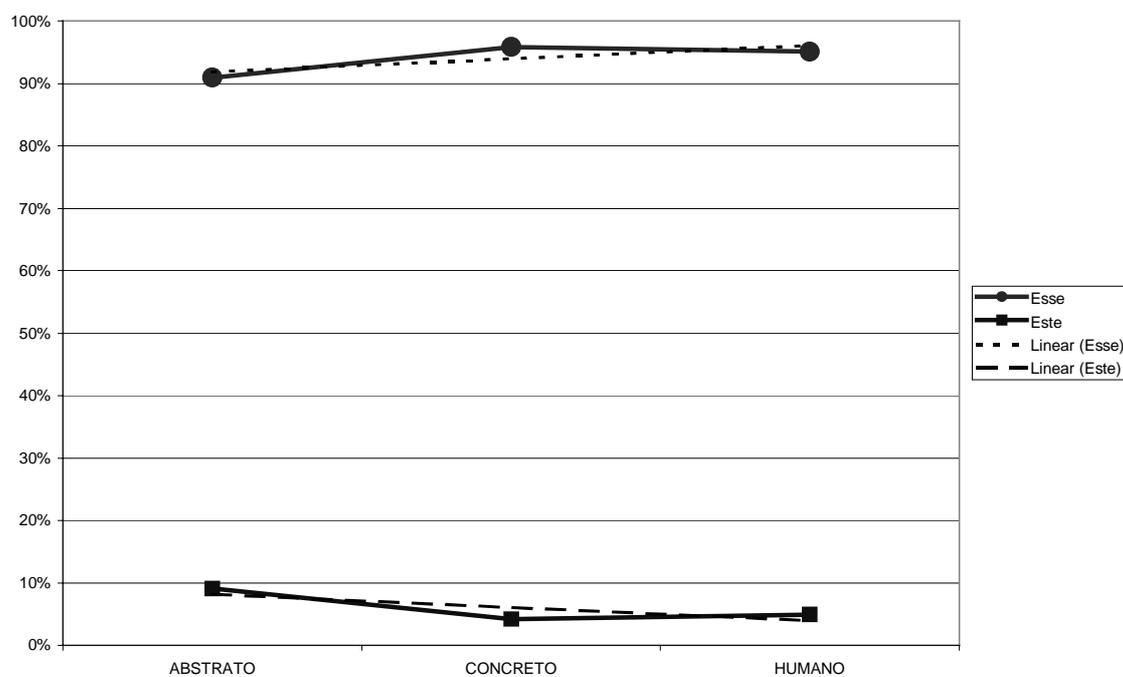
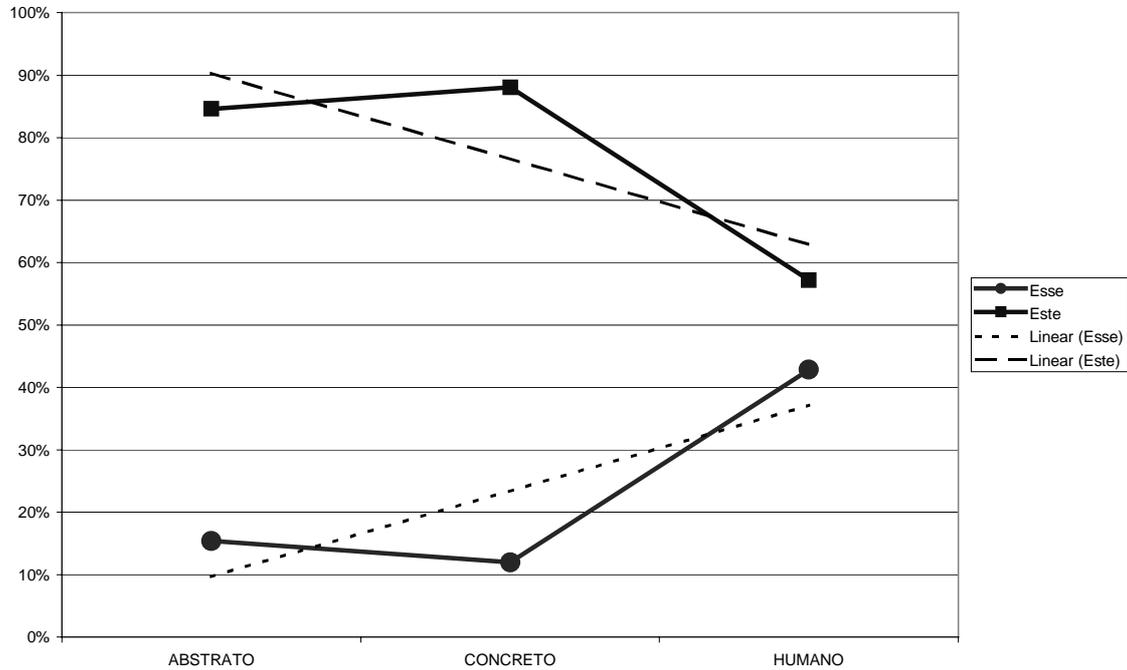


Gráfico 10: Filmes PE - Demonstrativos em Uso Exofórico na Hierarquia Referencial.



O resultado obtido pelo *corpus* do PB oral tem certamente relação com a residualidade da forma "este" e a massificação do uso de "esse". Mas e para o PE, o que teria acontecido? Uma hipótese que podemos levantar é que em Portugal o sistema demonstrativo ternário ainda está ativo e a ancoragem espacial modifica a atuação da hierarquia referencial. A importância dessa ancoragem pode ser vista na tabela 37.

Tabela 37: Filmes - Demonstrativos em Uso Endofórico por campo de interlocução.

	PB		PE	
	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor	Campo do Locutor	Campo sem o Locutor
<b>Esse</b>	83 92%	59 100%	0 0%	22 65%
<b>Este</b>	7 8%	0 0%	92 100%	12 35%

Como podemos ver há um contraste entre o PB e o PE: enquanto o primeiro mostra o pouco poder da ancoragem espacial para definição do demonstrativo, o segundo é marcado uma forte adesão a ela. Para os brasileiros, seja nas referências em campo marcado pela presença do locutor, como o exemplo (94), ou para aquelas marcadas pela sua ausência, a forma "esse" sempre será dominante (ver o exemplo (95)). Já os portugueses, usam apenas a forma "este" no campo do locutor (conforme mostra o exemplo (96)), e preferem "esse" nas referências em campo do qual o locutor não participa (vide exemplo (96)).

(93) "Cê não tem nem idéia da onde cê tá, né. Isso aqui é a ponta da Europa. Isso aqui ó ...é o fim", [Alex está sentada ao lado de Paco, ambos contemplando o Mar], (PB, Terra Estrangeira).

(94) "Beatriz, esse é Remo Belini.", [Dora Lobo sentada atrás de uma mesa, apresenta Beatriz -que está ao seu lado - para Bellini, o qual está parado ao lado da porta que dá acesso ao escritório], (PB, Bellini e a Esfinge).

(95) "Esta? É um sinal. Tenho muitos espalhados pelo corpo", [Rosarinho mostrando para seu chefe uma mancha em sua própria mão, o João de Deus], (PE, A Comédia de Deus).

(96) "Então, quanto é que isto [gravata] custa? Um preço para amigos." [Elói pergunta ao vendedor que está a sua frente preço da gravata que estava nas mãos de Samuel, o qual se olhava no espelho do outro lado da loja], (PE, O Último Mergulho).

Mais ainda, os dados do PB contidos na tabela 37, no que concerne à ausência de ocorrências de "este" em campo sem a presença do locutor confirmam novamente a tese de Pavani (1987) de não haver intercambialidade dos demonstrativos: "esse" avançou sobre o uso clássico de "este".

Todos esses fatos podem ser confirmados no nível da sentença pela presença dos locativos. É o que observamos na tabela 38, em que mapeamos a distribuição de "este" e "esse" de acordo com o emprego de "aqui", "ali" e "aí".

Tabela 38: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função dos locativos.

	PB			PE		
	AQUI	ALI	AÍ	AQUI	ALI	AÍ
<b>Esse</b>	23 96%	0 0%	6 100%	0 0%	2 100%	0 0%
<b>Este</b>	1 4%	0 0%	0 0%	7 100%	0 0%	0 0%

Como podemos ver, o PE mantém o modelo ternário clássico, não combinando "esse" com "aqui". O *corpus* do PB é rico em exemplos com essa combinação, o que, segundo Roncarati (2003), é um mecanismo compensador da mudança para o binário. O exemplo (97), ilustra esse fato para o PB, enquanto (98) e (99) mostram o uso português.

(97) "Ela gostou da bicicleta. Olha essa aqui. Essa foi feita pra você. Do seu tamanho."  
(PB, Durval Discos).

(98) "Se eu tirar aqui esta bancada das pautas, o que eu poderia aqui fazer? Um palquinho"  
(PE, Terra Estrangeira).

(99) "Esses ali [cravos] são mais bonitos" (PE, Capitães de Abril).

Por último, podemos entrar na questão da influência de um gesto de caráter mostrativo na distribuição dos demonstrativos. Na tabela 39 percebemos que, no *corpus* de PB, o reforço do gesto aumenta, embora de forma reduzida, a produtividade de "esse": há um aumento de 94% para 98%. No PE, entretanto, o gesto não tem o mesmo efeito: a distribuição mantém-se idêntica, havendo ou não o gesto.

Tabela 39: Filmes: Distribuição dos demonstrativos em função do presença ou ausência de gesto por parte do falante.

	PB		PE	
	Sem Gesto	Com Gesto	Sem Gesto	Com Gesto
Esse	94 94%	48 98%	12 15%	4 14%
Este	6 6%	1 2%	69 85%	24 86%

O exemplo (100) abaixo que retiramos do *corpus* do PB é bastante interessante. Apesar da referência ocorrer no campo do locutor, o demonstrativo "esse" aparece e é reforçado por um gesto mostrando o objeto referenciado. No exemplo (101), vemos situação similar, ocorrida em um filme português, mas com o emprego de "este".

(100) "Tem essas duas cores: azul e lilás. O que que tu prefere?" [Sílvia ao apresentar as opções de chambre para o seu cliente espalhando as no balcão] (PB, O Homem que Copiava).

(101) "Olha para esta [vitela] ... Olha esta ... Oh que coisa linda. [o açougueiro do outro lado do balcão segura uma vitela e a mostra para o seu cliente] (PE, A Comédia de Deus).

Finalmente, podemos passar a resumir as análises aqui realizadas para o PB oral exofórico:

1) A presença de um nome acompanhando o demonstrativo favoreceu no PE o uso de "este". No PB, esse fator não teve qualquer implicação significativa sobre a escolha do demonstrativo.

2) A hierarquia referencial mostrou um efeito adverso ao encontrado em outros *corpora*: haveria uma ampliação da participação percentual "esse" (e não de "este") na referência a elementos marcados por uma maior carga de referencialidade. Na oralidade

brasileira, a residualidade de "este" é, certamente, a responsável por esse resultado, enquanto, na oralidade do PE, é o sistema ternário ativo que modificou o seu funcionamento.

3) Essa ativação do sistema ternário no PE oral é percebida na questão da ancoragem espacial: a escolha dos demonstrativos respeita a posição do locutor em relação ao elemento referenciado. Outra evidência disso está na amarração entre os demonstrativos e os locativos: os portugueses nunca combinam "esse" com "aqui", o qual é reservado para "este".

4) O gesto parece favorecer o uso de "esse" na oralidade do PB. Temos aí mais um mecanismo compensador da mudança ocorrida. Numa situação de conversação, os interlocutores mantêm a noção espacial através do uso de gestos. No PE oral, o sistema ternário não exige que esse mecanismo tenha relevância.

#### **5.4 Considerações finais sobre os *corpora* de filmes**

A análise do *corpus* de filmes que simula a oralidade no PB mostrou que a forma "este" é residual tanto no uso endofórico quanto no exofórico. O presente trabalho não confirmou a especialização de formas sustentada por Marine (2004): "esse" especializado no uso endofórico e "este", no uso exofórico. Acreditamos que o dado aqui encontrado é coerente, inclusive com a acentuada redução da produtividade de "este" em referências exofóricas mapeada por essa pesquisadora ao longo do período que estudou: era 99% das ocorrências no século XIX, atingiu 80% nas décadas de 1960/1970 e chegou à década de 1990 com 58,5%.

A hierarquia referencial no material brasileiro, tanto no uso endofórico como no exofórico teve atuação inversa ao de outros *corpora* analisados em função da elevada produtividade de "esse", o que bloqueia o aumento do uso de "este" nos contextos marcados por uma maior carga de referencialidade.

Outra característica do PB oral reside no fato de o sistema não levar mais em conta a ancoragem espacial ou do campo de interlocução para decidir entre as duas formas concorrentes aqui estudadas. A forma "esse" incorporou as áreas tradicionais da forma "este". O sistema mostra uma configuração binária na oralidade, que opõe "esse" a "aquele".

O *corpus* de filmes que simula a oralidade do PE mostrou que "este" e "esse" têm papéis relevantes e bem definidos no sistema demonstrativo, tanto no uso endofórico quanto no exofórico. O sistema ternário se mostra, de maneira geral, ainda atuante.

A questão da hierarquia referencial no *corpus* de PE se mostrou relevante apenas para o uso endofórico. No contexto exofórico o peso da ancoragem espacial pode ter bloqueado a relação de favorecimento da forma "este" em contextos marcados por traços de maior conteúdo referencial.

Por último, a análise da presença dos gestos em combinação com o uso de um demonstrativo na sentença mostrou-se importante para o PB e não para o PE. Certamente, no uso exofórico, o brasileiro compensa possíveis "perdas" da mudança do sistema ternário para o binário, lançando mão desse mecanismo para melhor definir a relação distal entre o falante e o objeto por ele mostrado.

## **Considerações Finais**

Na presente seção, podemos retomar as questões que nos propusemos a responder com nossa pesquisa.

## **1. Resposta ao problema: especialização ou substituição de formas?**

Conforme colocamos na introdução ao presente trabalho Marine (2004) defendeu a idéia de que o processo de mudança por que passa o sistema demonstrativo do PB oral é um caso de especialização de forma que leva em conta o tipo de referência em questão (endofórica ou exofórica) e não um caso substituição da forma "esse" por "este". A presente pesquisa não confirmou essa hipótese: os resultados que encontramos nos materiais que simulam a oralidade - os filmes - mostraram que a forma "este" é apenas residual na fala do brasileiro, nunca ultrapassando o nível dos 5% das ocorrências.

Esses resultados são coerentes com os dados coletados por aquela mesma pesquisadora em seu trabalho e que evidenciaram, historicamente, um crescimento acentuado do uso de "esse" inclusive nas referências exofóricas - indício de que a distribuição entre "este" e "esse" não havia se estabilizado no PB oral. Confirmam também nossa suspeita de que a frequência de "este" exofórico encontrada por Marine (2004) no último período em análise (a década de 1990) não é suficientemente elevada para sustentar a tese da especialização de formas.

Estamos diante de um processo de substituição de formas e os contextos de resistência encontrados por "este" na modalidade oral não podem ser confundidos com indícios de especialização de formas.

## **2. Respostas às outras questões importantes**

### **2.1 Identificação do escopo do binarismo do PB oral**

Outra questão que nos propusemos a responder, além da que foi respondida no item anterior, refere-se à configuração que o PB oral parece estar assumindo: se ele caminha, de

fato, para binarismo como nossos dados mostraram, podemos entender que passa a ser idêntico ao Inglês? Que binarismo, afinal, seria esse?

Nossa pesquisa mostrou que o sistema demonstrativo do PB oral não está se tornando idêntico ao do Inglês. O PB reserva para a forma "esse" um papel que incorpora os usos de "this", mas também de "that". Sua transformação em binário manteria o seu uso clássico, incorporando os usos de "este" - forma que substituiu.

É preciso dizer, ainda, que a mudança para o sistema binário não tem implicado em qualquer perda para o PB. Encontramos em nosso material a confirmação da existência de mecanismos compensadores dessa nova configuração, apontados anteriormente por Roncarati (2003), os gestos e do uso dos locativos, que reforçam aos interlocutores as noções de distância dos "objetos" mostrados.

## 2.2. Comparação do sistema demonstrativo do PB ao do PE

A partir desse quadro para a oralidade do PB, pudemos então compará-lo ao PE, a partir da perspectiva dos gêneros discursivos, seguindo a orientação de Jungbluth (1998). E de fato aí as diferenças e semelhanças entre os dois sistemas se mostraram de forma saliente.

Como ponto de contato do PB com o PE, ambos são marcados por um aumento do uso de "este" nos gêneros discursivos caracterizados por um maior controle das revisões gramaticais. É o que notamos na tabela 40, onde percebemos que a produtividade dessa forma aumenta relativamente quando passamos dos filmes para os jornais e, finalmente, para os romances.

Tabela 40: Distribuição de "este" e "esse" segundo o tipo de corpus.

	PB			PE		
	Filmes	Jornais	Romances	Filmes	Jornais	Romances
Esse	213 96%	264 88%	42 47%	72 38%	101 34%	10 11%
Este	9 4%	36 12%	47 53%	119 62%	199 66%	79 89%

As semelhanças terminam por aí. Os *corpora* portugueses apresentam, de forma geral, uma distribuição que prioriza a forma "este" mas reserva ao pronome "esse" um papel ativo. No PB, a forma "esse" é praticamente a única existente para o material que simula a oralidade, mantém-se como forma preponderante na escrita jornalística e divide funções com a forma "este" na escrita de caráter ficcional. Esse quadro nos leva a crer que a manutenção de "este" no sistema demonstrativo brasileiro depende dos mecanismos de imposição da norma gramatical dos manuais, o que não se mostra possível na oralidade.

A questão da ancoragem ao campo de interlocução expõe nova diferença entre os dois sistemas. A tabela 41 retoma todos os percentuais de produtividade obtidos por "esse" no campo do locutor, nos filmes e nos romances traduzidos, e evidencia bem essa distinção: nesse contexto, o PB só impõe restrições rígidas ao uso de "esse" nas referências exofóricas dos textos de ficção, enquanto, no PE, o uso dessa forma pronominal só é relevante nas referências endofóricas da oralidade - o que, como vimos, se dá nas anáforas. O critério da ancoragem do campo de interlocução - um dos pilares do sistema ternário clássico - mantém-se atuante no PE e sobrevive com atuação bastante reduzida no PB, ainda assim, restringindo-se aos gêneros discursivos escritos.

Tabela 41: Frequência de "Esse" no Campo do Locutor segundo o tipo de *corpus*.

	PB		PE	
	Filmes	Romances	Filmes	Romances
<b>Endofórico</b>	92%	81%	49%	22%
<b>Exofórico</b>	92%	6%	0%	0%

Nos materiais escritos de portugueses e brasileiros, percebemos que quando o contexto não evidencia de forma clara o campo de interlocução, abre-se a possibilidade da escolha preponderante de uma das duas formas pronominais. E nesse sentido, os *corpora* portugueses evidenciaram a preferência pela forma "este", enquanto os brasileiros concentraram-se na forma "esse". Ou seja, mesmo sob o efeito das revisões gramaticais, cada sistema consegue achar espaços para optar por um dos dois demonstrativos.

A presente pesquisa também investigou a influência da hierarquia referencial na escolha do demonstrativo. Na maior parte dos *corpora* analisados, a forma "este" encontrou nos contextos marcados por um maior grau de referencialidade as condições ideais para aumentar sua produtividade. O peso da referencialidade, entretanto, não se confirmou no PB oral, em função da residualidade da forma "este", além de ter tido atuação alterada nos contextos em que a ancoragem espacial se fazia fortemente presente.

Outra questão que propomos ao início do presente trabalho dizia respeito ao impacto da facilidade de acesso do pronome demonstrativo ao antecedente que retoma, nas referências endofóricas da escrita. E o resultado que encontramos mostrou que o fácil acesso do pronome ao antecedente favoreceu ao aumento da forma menos comumente utilizada, tanto no PB como no PE. Nos textos portugueses, a forma "esse" ganha produtividade nesse contexto, enquanto nos brasileiros é a forma "este" que pode ocorrer mais facilmente. Em contrapartida, a aparição de uma sentença separando antecedente e o pronome leva o usuário da língua a optar pela forma usada mais freqüentemente.

A presente pesquisa evidenciou que o fato de o antecedente e o pronome possuírem funções distintas não foi relevante para alterar a distribuição de "este" e "esse", tanto no PB como no PE.

Finalmente, a presente pesquisa também detectou, de forma geral, o aumento do emprego de "este" nos contextos em que o demonstrativo aparecia isolado, sem o acompanhamento de um nome. Isso se mostrou válido na maior parte dos materiais analisados do PB e do PE.

## **Bibliografia**

BARBOSA, KATO & DUARTE (No Prelo) *A distribuição do sujeito nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro*

CASTILHO, A. T (1993) *Os mostrativos no português falado*. In: Castilho, A. T. (org.) Gramática do Português Falado: as abordagens. Volume 3. Campinas: Editora da UNICAMP. pp. 119-147.

CID, O., COSTA, M. C. e OLIVEIRA, C. T. . (1986) *Este e esse na fala culta da Rio de Janeiro*. Estudos Lingüísticos e Literários. Salvador. N.º 5. .

CYRINO, S.M. , M.E.L.DUARTE E M.A.KATO. *Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese*. In: M.A.Kato & E.V. Negrão (eds) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. 55-74. Frankfurt: Verveurt-Iberoamericana. 2000.

CONTE, M. E (2003) *Encapsulamento anafórico*. In: M. M. Cavalcante *et al* (orgs.) Referenciação. Clássicos da Lingüística 1.São Paulo: Contexto. pp. 177-190.

CUNHA, C. e CINTRA, L.(2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GARY-PRIEUR, M.N. e Noally, M. (2003) *Demonstrativos Insólitos*. In: M. M. Cavalcante *et al* (orgs.) Referenciação. Clássicos da Lingüística 1.São Paulo: Contexto. pp. 229-249.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. (1997) *Cohesion in English*. London and New York: Longman..

ILIESCU, M. (1976) *Considérations sur le système des démonstratifs déictiques dans les langues Romanes*. Etudes Romaines. Societé Roumaine de Linguisti . Bucarest.

JUNGBLUTH, K. (1998) *O uso dos demonstrativos em textos semi-orais: o caso dos folhetos nordestinos do Brasil*. In: Grobe, S. e Zimmermann, K. (eds.). "Substandard" e mudança no português do Brasil. Frankfurt:TFM. pp.329 - 355.

MARINE (2004), T. de C. (2004) *O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: FCL/UNESP.

MATTOSO CAMARA JR, J. M. (2000) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 32ª edição.

MATTOSO CAMARA JR, J. M. (1976) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão. 2ª edição.

MILONE, G. e ANGELINE, F. (1995) *Estatística Aplicada*. São Paulo: Editora Atlas.

NEGRÃO, E. V. e MÜLLER, A. L. (1996) *As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de formas?* Delta. São Paulo. Volume 12, n.º 1, pp. 125 - 152.

PAVANI, S. (1987) *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

ROCHA LIMA, C. H. (1972) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olímpio. 15ª edição.

RONCARATI, C. (2003) *Os mostrativos na variedade carioca falada*. In: Paiva, M. da C; Duarte, M. E. L. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

TORRES-MORAIS, M. A. , MÜLLER, A. L., FRANCHETTI, S. e VIOTTI, E. (1998) *Mudança sintática no Português: gramaticalização e especialização de formas*. Anais de Seminários do GEL. S. José do Rio Preto: UNESP.